

SELEÇÃO DE TEXTOS

2022 - 2023

MEDITAÇÕES
HOMILIAS
ARTIGOS
ENTREVISTAS

MONS. FERNANDO OCÁRIZ
PRELADO DO OPUS DEI

MONS. FERNANDO OCÁRIZ

SELEÇÃO DE TEXTOS

2022-2023

MEDITAÇÕES

HOMILIAS

CARTAS E MENSAGEMS

DISCURSOS

ARTIGOS E ENTREVISTAS

ÍNDICE

MEDITAÇÕES

1. Ano da Família (26 – 6 – 2022)
2. Começo do Ano acadêmico em Roma (8 – 10 – 2022)
3. Aniversário do nascimento de São Josemaria (9 – I – 2023)
4. Aniversário da seção feminina e da Sociedade Sacerdotal da Santa Cruz (14 – 2 – 2023)

HOMILIAS

5. Quinta – feira Santa (14-4-2022)
6. Sexta – feira Santa (15-4-2022)
7. Vigília Pascal (16-4-2022)
8. Abertura do Ano acadêmico em Roma (3-10-2022)
9. Na Villa de Guadalupe (28-10-2022)
10. Na festa do Bem-aventurado Álvaro del Portillo (12-5-2023)
11. Na festa de São Josemaria (28-6-2023)
12. Abertura do Ano acadêmico em Roma (3-10-2023)

CARTAS E MENSAGENS

13. Mensagem por ocasião do apelo do Papa pela paz (26-2-2022)
14. Carta sobre a fidelidade (9-3-2022)
15. Mensagem por ocasião da conclusão do Ano da Família (14-6-2022)
16. Mensagem para convocar o Congresso Geral extraordinário (17-4-2023)
17. Carta sobre a fraternidade (18-2-2023)
18. Mensagem por ocasião da conclusão do Congresso Geral extraordinário (17-4-2023)

DISCURSOS

19. Conferência Dilatar o coração (29-9-2022)
20. Discurso sobre o ato de abertura do ano acadêmico da Universidade Pontifícia da Santa Cruz (3-10-2023)

ARTIGOS E ENTREVISTAS

21. Agência Zenit. Na memória da figura do Papa emérito Bento XVI (31-12-2022)
22. Jornal A Razão. Por ocasião do falecimento do Papa emérito Bento XVI (5-1-2023)
23. Mundo Cristiano. “Um motivo de ação de graças” (4-2023)

MEDITAÇÕES

1. ANO DA FAMÍLIA (26-6-2022)

É para mim uma grande alegria poder enviar esta mensagem e assim unir-me ao Papa, que convocou este ano especialmente dedicado à família. Um ano que termina com o encontro sobre o tema: “O amor familiar: vocação e caminho de santidade”.

Hoje, 26 de junho, também é a festa de São Josemaria; esta coincidência convida-nos a agradecer a Deus que quis que a Obra fosse, dentro da Igreja, uma pequena família; pequena não porque sejamos poucos, mas por nossa união e pela proximidade que procuramos viver.

Ao mesmo tempo, não queremos ser uma família fechada em si mesma. Desejamos fazer do mundo um lar, aproximar as pessoas de Deus que é Pai e da Igreja que é Mãe. Recordo-me agora daqueles primeiros jovens que se aproximaram do nosso Fundador: estavam felizes e fortalecidos no ambiente de família que se gerou em “El Sotanillo”, aquele café onde se reuniam, pois ainda não havia centros da Obra.

É muito bom que sintamos a feliz responsabilidade de ser continuadores desse ambiente e calor de família nas tarefas apostólicas, no acompanhamento e cuidado com os mais velhos e doentes, no clima de confiança e fraternidade com as pessoas do próprio centro.

Vocês, Supernumerários, têm uma graça especial para “fazer família” onde quer que estejam. Em primeiro lugar, em suas casas, procurando que sejam “lares luminosos e alegres”, apesar das dificuldades e sofrimentos que acompanham o nosso caminho na terra. Vocês têm toda a graça de Deus para levar adiante a família com a alegria que nos dá saber sermos filhos de Deus e com a luz da fé e da vocação. E levarão, por sua vez, esse espírito de família aos seus grupos e centros, vivendo essa bendita fraternidade que os conduz a uma doação contínua aos outros, estando muito perto dos que mais precisam de cuidados e companhia.

São Josemaria transmitia a seus filhos a convicção do poder transformador da família na sociedade, sua capacidade de construir uma sociedade mais

humana, mais de acordo com a dignidade dos filhos de Deus. Gostava de citar como exemplo as famílias dos primeiros cristãos, que eram focos de evangelização.

Peçamos à Sagrada Família a força para renovar com esperança nossa vida familiar e para acompanhar outras famílias, especialmente aquelas que, de diversas formas, enfrentam mais dificuldades e sofrimentos. Todas devem estar presentes em nossa oração, especialmente nesta festa de hoje. Nada nos é indiferente ou alheio como cristãos, porque, como São Paulo nos diz, “todas as coisas são vossas, vós sois de Cristo, e Cristo de Deus” (1 Cor 3, 23).

Que Deus os abençoe.

2. COMEÇO DO ANO LETIVO (8-10-2022)

Colégio Romano da Santa Cruz, Roma

O começo do ano letivo constitui sempre uma nova oportunidade para recorrer ao Espírito Santo. Podemos pedir-lhe que renove em nossas almas o agradecimento pela formação que recebemos e, ao mesmo tempo, que nos aumente o desejo de aprender. Temos anos de formação na Obra. É bom, por isso, aproveitar o começo do ano para redescobrir e identificar-nos mais com nosso espírito.

A formação dirige-se tanto à inteligência quanto ao coração e à vontade: a toda a nossa vida. Porque o que vamos aprendendo leva-nos a conhecer, amar e sentir como nosso o espírito e a vida da Obra.

Pedimos que o Espírito Santo venha a nós como em Pentecostes. Que seja também para nós como um fogo purificador e um vento impetuoso. Foi assim para os Apóstolos. Eles, que estavam assustados, foram totalmente transformados pelo Espírito Santo e se puseram a transmitir a verdade de Deus.

Pedimos também agora ao Senhor uma nova vinda do Paráclito a nossas almas, para que impulse e guie todo o nosso dia.

Fonte de segurança

“Quando vier o Paráclito – tinha anunciado o Senhor - que vos enviarei da parte do Pai, o Espírito da verdade que procede do Pai, Ele dará testemunho de mim” (Jo 15, 26). O Espírito Santo dá testemunho de que Cristo é o Filho de Deus; e também dá testemunho em nossas almas de que nós, pela graça, somos filhos de Deus em Cristo. Filiação que é fundamento do nosso espírito. Essa é a nossa força e a nossa segurança: saber que somos amados por um Pai que tudo sabe e tudo pode. Quando sentirmos nossas limitações e dificuldades, peçamos ao Espírito Santo que imprima mais profundamente em nossas almas a jubilosa segurança de saber-nos filhos de Deus.

Recordamos bem como nosso Padre experimentou de modo especialmente vivo este sentido da filiação divina em 1931. Escrevia anos depois em uma de suas cartas: “Senti a ação do Senhor que fazia germinar em meu coração e em meus lábios, com a força de algo imperiosamente necessário, esta terna invocação: *Abba! Pater!*”. E lembramos também que na época, ele passava por muitas dificuldades. E entendeu então mais profundamente que a segurança não estava em suas forças, mas em ser filho de Deus. Tal descoberta que o Espírito Santo o fez ver no bonde, ajuda-nos também a nós a vivermos como filhos de Deus, na vida cotidiana, sempre e em todo lugar.

A filiação divina é a fonte de nossa segurança, da verdadeira alegria. Quando a tristeza assomar à nossa vida, será o momento de tornar real a fé no amor de Deus por nós para recuperar a alegria.

A verdade de nossa vida

“Também vós dareis testemunho, - diz o Senhor - porque estais comigo desde o princípio” (Jo 15, 27). Estas palavras lembram-nos o imenso trabalho apostólico que temos à nossa frente. Não só nos encargos concretos, mas sempre. A nossa vida inteira tem uma dimensão apostólica; pela comunhão dos santos, podemos apoiar e impulsionar o apostolado da Obra em todo o mundo. Daremos este testemunho, como diz o Senhor, porque desde o princípio estamos com Ele. E estamos de verdade com Jesus Cristo pela ação do Espírito Santo. Estar com o

Senhor é a raiz de toda a nossa eficácia. Ele nos chamou, como aos Apóstolos, para que, estando com Ele, possamos ir por todo o mundo anunciando o Evangelho.

O estudo e a formação ajudam a conhecer melhor a Deus e a tê-lo mais dentro de nossos corações. Para conhecer e, sobretudo, para amar. Embora seja uma verdade imensa e infinita, que nunca poderemos atingir totalmente, sempre poderemos progredir nela. Podemos, por isso, dizer ao Senhor: dá-nos uma maior fé em que Você é amor, e que esse amor está em nós. Que nos convençamos mais desta verdade e que coloquemos nossa segurança no amor de Deus por nós.

O Paráclito, espírito de verdade, guia-nos para que conheçamos mais a Deus e também para um melhor conhecimento de nós mesmos. O conhecimento próprio é base da humildade. Não se trata apenas de conhecer nossos limites e nossa miséria, mas também a nossa grandeza. Valemos muito: todo o sangue de Cristo. Por isso, quando experimentarmos a nossa miséria, pensemos também em tudo o que valemos. Assim, a experiência de nossas muitas limitações não nos diminui, não nos tira forças, não nos entristece, pois estará unida à segurança de nossa grandeza fundamentada no amor de Deus por nós. Essa é a maior verdade de nossa vida.

Amor à Igreja e à Obra

Pedimos também ao Espírito Santo que nos aumente o amor à Igreja, povo imenso, constituído por muitos povos. A Igreja é Corpo de Cristo e sacramento universal de salvação, mas aparece também como um conjunto de homens e mulheres fracos: nós mesmos. Que, quando descobramos as limitações, ressoem em nossos corações essas palavras de nosso Padre: “A Igreja é nem mais nem menos Cristo presente entre nós, Deus que vem até a humanidade para salvá-la, chamando-nos com a sua Revelação, santificando-nos com a sua graça” (*É Cristo que passa*, n. 131).

Pensar na Igreja leva também a considerar a figura do Romano Pontífice, sucessor de Pedro, que tem nela a missão de ser princípio visível de unidade e de comunhão. As dificuldades que ele deve enfrentar estimula-nos a rezar muito por ele: *Omnes cum Petro ad Iesum per Mariam*, como aprendemos de São Josemaria.

Queremos começar este novo ano letivo com espírito jovem; com anseio de aprofundar também no espírito da Obra, na vida e nos escritos de nosso Padre. Que tenhamos uma responsabilidade especial de formar-nos, não para ser super-homens – pois não somos isso nem o seremos – e sim para ser elementos de unidade. Unidade especialmente com a origem. Conforme passam os anos, vamos afastando-nos, do ponto de vista temporal, da origem da Obra, de nosso Padre. Na realidade, porém, não nos afastamos, pois ele continua acompanhando-nos lá do céu. E nós, por nosso lado, temos a responsabilidade de estar muito unidos à origem. Estaremos assim mais capacitados para servir a Igreja fazendo o Opus Dei.

Abramos cada vez mais nossas almas à graça do Senhor, para que Ele nos ajude a cuidar da Obra, como fizeram o nosso Padre e nossos primeiros irmãos. E faremos isso com a nossa vida, lutando por encarnar o espírito de Casa, no grande e no pequeno. A Obra são as almas, a nossa e a de nossos irmãos. Cuidar da Obra é por isso, cuidar sobretudo dos outros, viver a fraternidade, defender a unidade entre todos, sabendo-nos responsáveis pelo labor em todo o mundo.

Naquele dia de Pentecostes, a Virgem Maria havia reunido os Apóstolos. Ela, Mãe da Igreja e Rainha do Opus Dei, conseguirá para nós do Senhor uma nova efusão do Espírito Santo que nos torne mais *ipse Christus*, e assim mais apóstolos.

3. ANIVERSÁRIO DO NASCIMENTO DE SÃO JOSEMARIA (9-1-2023)

Igreja prelatícia de Santa Maria da Paz, Roma

Levantamos hoje o nosso coração a Deus, para agradecer-lhe a santidade de nosso fundador. Sabemos que nosso Padre se considerava um “instrumento inútil”, nós, porém, damos graças ao Senhor por ele ter sido um instrumento fiel.

Agora, falando com São Josemaria, que nos escuta do céu, cumprimentamo-lo por seu aniversário e também felicitamos os avós, pelo nascimento de seu filho. Cumprimentamos igualmente a nós mesmos, porque a vida de nosso Padre tem muito a ver conosco. Era o início visível de uma história de Deus, que é também história nossa. E repetimos aquelas palavras que ele pronunciou tantas vezes quando pressentia a vontade de Deus: “*Ut videam! Ut sit!*”. Fazemos nossas essas petições: que vejamos o sentido de todas as nossas ações, de nossa vida, de nosso trabalho. Queremos ser protagonistas da mesma aventura que Deus pediu a nosso Padre.

Pedimos ao Senhor que nos ajude a ver na vida de São Josemaria, não um modelo longínquo e inimitável, e sim a própria origem de nossa vocação. O princípio visível e instrumental de nossa chamada. Que o tenhamos sempre muito presente, muito próximo, e não como uma figura do passado. Que sintamos a responsabilidade de transmitir às gerações futuras esta realidade: nosso Padre é hoje e agora nosso Padre.

O olhar fixo no futuro

Desde o seu nascimento ele se preparava para receber aquela missão divina, que ele recebeu quando tinha apenas vinte e seis anos e – como gostava de acrescentar – “a graça de Deus e bom humor”. Uma chamada que representava um grande peso, levado com uma juventude de espírito que conservou durante toda a sua vida. Mesmo com a passagem dos anos, manteve sempre esse espírito jovem que o estimulava a buscar seu crescimento continuamente, pois quem deseja crescer é jovem.

Nós, tenhamos a idade que tivermos, queremos viver sempre com esse espírito de juventude. O jovem sempre recomeça, não se detém diante do desalento, não pensa que já não há mais nada a fazer. Os jovens têm o olhar fixo no futuro, para a frente. Os que perderam a juventude de espírito, olham muito para trás, contando sempre histórias do passado. Nosso Padre nunca deixou de olhar para a frente com entusiasmo, com a experiência que lhe dava o que tinha vivido e com essa grande juventude de espírito.

Pedimos hoje ao Senhor, por intercessão de São Josemaria, que vivamos sempre com esse espírito. Que sejamos todos jovens. Que tenhamos o impulso para crescer, para não retroceder, para ter sempre a esperança e a alegria de que há um futuro melhor. E isto implica também uma juventude na consciência da divindade de nossa vocação, ou seja, saber que é algo permanente, que o Senhor está continuamente nos chamando. Queremos e desejamos estreitar a nossa vocação cada dia, respondendo a essa chamada com um espírito jovem. Podemos voltar ao entusiasmo de nossos primeiros passos na Obra; um entusiasmo que agora deve ser maior: mais profundo, com mais fundamento, com maior conhecimento.

“Não esperem a velhice para serem santos”, escreveu nosso Padre. Esta juventude que desejamos para nossa vida é aquela de saber viver o hoje e o agora. Descobrir no momento presente que é possível o encontro com Deus, o serviço aos outros, “sem lembrar-se de ‘ontem’ que já passou e sem se preocupar com o ‘amanhã’, que não sabe se chegará para você”, como dizia São Josemaria. Contamos logicamente com a experiência passada e sabendo fazer planos de futuro, mas sabendo que é hoje, o presente, o que realmente temos entre as mãos: isto é o que realmente conta, o que temos que santificar.

Juventude significa também ter desejos de aprender. Pedimos ao Senhor que tenhamos a alma aberta para continuar aprendendo, embora já tenhamos muita experiência. Que possamos ir aos meios de formação e à nossa oração pessoal com ânsias de aprender e de conhecer mais a Deus. Queremos ser jovens e inclusive crianças, tendo o anseio de conhecer e crescer no amor ao Senhor. A formação não é um luxo, ou algo reservado apenas para certas etapas da vida: é para sempre e para todos. Aspiramos, por isso, aumentar o nosso conhecimento e, sobretudo, nosso amor, para renovar o desejo de fazer a Obra com nossa vida.

A única arma

Além da juventude, nosso Padre contava com a graça de Deus. Ensinou-nos a centralizar nossa vida na Eucaristia, empenhando-nos sempre para que o encontro com Jesus Cristo na Missa seja a força de nossa vida. Sejamos cada vez mais conscientes do que significa a Sagrada Eucaristia: o Senhor que se dá a nós.

Nosso Padre era, sobretudo, um homem apaixonado por Jesus Cristo. Tinha uma atitude profunda de agradecimento pelos dons que recebia de Deus, especialmente pelo da Eucaristia. Podemos pedir-lhe que nos ajude a viver cada dia mais centrados na Missa, que ela seja para nós uma realidade mais real, mais viva.

Queremos também aprender de nosso fundador a força da oração, que é a arma para levar tudo para frente. Foi assim que a Obra saiu. E podemos perguntar-nos: a oração é de verdade minha única arma? Para que seja assim, desejamos transformar tudo em oração. Em primeiro lugar, o trabalho. É sempre possível aprofundar mais nesta realidade. É preciso, porém, contar com o fato de que tudo é dom de Deus, de que dele provém nossa força. É ele que faz a Obra, também em nós.

Nosso Padre tinha vinte e seis anos, a graça de Deus e também a alegria, o bom humor. Costumava estar sempre muito contente. Um filho de Deus pode sofrer e pode chorar, mas, se contar com a graça de Deus, a tristeza não cabe nele. Dirigimos agora mais uma súplica ao Senhor: que nos ajude a estar sempre contentes, a recuperar, quando necessário, a alegria. Uma alegria que é compatível com o sofrimento, com o que não sai bem, com as normais dificuldades do dia a dia. Pois a alegria, repetia São Josemaria, “tem a raiz em forma de Cruz” e nasce da segurança do amor que Deus nos tem. Assim o experimentou nosso fundador ao longo de sua vida: via-se que estava contente, também durante as grandes dificuldades que teve que enfrentar. Assim o vemos na Legação de Honduras. Quando parecia que tudo vinha abaixo, ele procurava levantar o ânimo de todos. Podemos ser capazes, com a ajuda do Senhor, de manter o bom humor, aconteça o que acontecer, também na doença e nos maus momentos.

Acabamos nossa oração pedindo a São Josemaria a juventude de espírito, a confiança na graça de Deus para fazer a Obra e que não nos falte nunca o bom humor. E pedimos com a segurança de que contamos com sua ajuda, pois continua sendo nosso Padre, com a certeza de que nos ama mais do que quando estava na terra, com “coração de pai e de mãe”.

4. ANIVERSÁRIO DA SEÇÃO FEMININA E DA SOCIEDADE SACERDOTAL DA SANTA CRUZ

(14-2-2023)

Igreja prelatia de Santa Maria da Paz, Roma

Hoje é um dia de Ação de Graças que queremos começar – também neste tempo de oração – renovando esse propósito que nosso Padre propunha: “*Ut in gratiarum semper actione maneamus*”¹, que permaneçamos sempre em ação de graças. E isso porque sempre, continuamente, temos motivos, Senhor, para dar-te graças por tanto, por tanto...por muito mais do que sabemos; porque em toda a nossa vida – também nos momentos que, de uma forma ou outra, possam parecer negativos pelas dificuldades – o amor de Deus sempre esteve presente, nos cuidando, protegendo-nos.

E hoje, especialmente, agradecemos ao Senhor por nossa vocação, por essas datas de 14 de fevereiro de 1930 e de 14 de fevereiro de 1943. Um duplo aniversário dessas graças especialíssimas de Deus para o mundo, para a Igreja, para cada um de nós. Porque assim temos que ver estes aniversários, não como fatos admiráveis do passado, mas como fatos que têm um influxo evidente em nossa vida pessoal, e não só a partir do ano em que nos incorporamos à Obra, mas desde sempre, porque o Senhor pensava em nós desde sempre e naqueles dias já estávamos presentes.

Nós lhe agradecemos, Senhor, porque você pensa em nós, porque cuida de nós constantemente. E agradecemos especialmente pelas mulheres na Obra, pelos sacerdotes na Obra. E hoje especialmente, gostaríamos, Senhor, de agradecer pela unidade: homens, mulheres, sacerdotes, leigos. É um pedacinho da Igreja, mas que tem uma grande unidade dentro da variedade: uma unidade

¹ São Josemaria, *Via Sacra*, 6ª Estação, n. 4

de vocação, uma unidade de labor apostólico – com a separação que você deseja, Senhor, mas sempre com uma unidade própria de uma família. Hoje também recordamos o aniversário de 14 de fevereiro de 1938 quando nosso Padre quis que se começasse a rezar o *Oremus pro Patre* nas Preces. Filiação, fraternidade: a realidade da unidade da Obra é um grande dom de Deus. E, neste duplo aniversário, ao agradecer a você, Senhor, também agradecemos a unidade. E agradecemos ao nosso Padre. E, certamente, à Santíssima Virgem -pela qual nos vêm todas as graças, inclusive a da vocação-, pela graça da própria Obra de Deus, querida por Deus, realizada pela vontade de Deus em nosso Padre, porém – como toda graça – com a intercessão de Nossa Mãe Santa Maria, que é Mãe do Opus Dei, Rainha do Opus Dei.

E agradecemos a nosso Padre como instrumento fiel. Ele, que desde o primeiro momento e já antes, quando vislumbrava, quando sentia -pressentia-, esse querer de Deus sem saber o que era, empregou todos os meios; e igualmente todos os meios para levar a Obra adiante em momentos tão difíceis... No meio de uma guerra tremenda com poucas pessoas, tendo que recomeçar desde o princípio mesmo materialmente. Sempre fiel.

Aqui, junto a seus restos mortais, vamos agradecer muito a nosso Padre neste dia, especialmente por sua fidelidade, por ter sabido empregar todos os meios de oração, de trabalho, de mortificação, de impulso apostólico para levar a Obra adiante, para levar-nos em frente. Talvez às vezes pensemos: o que seria de minha vida se eu não fosse da Obra? Talvez, alguma vez, sejamos tão tolos que pensemos que ela seria algo maravilhoso, porém, em qualquer situação, seria um desastre comparado com o que somos agora. Por mais dificuldades que possamos encontrar, por mais experiência que tenhamos de nossas limitações... nós agradecemos ao Senhor pela Obra, pela seção feminina, pelos sacerdotes, agradecemos, Senhor, pela nossa vocação pessoal, porque é um dom imenso, um dom imenso. *Gratias tibi Deus, gratias tibi!* Que hoje seja um dia em que esta consciência, esta segurança de estar cheios do amor de Deus, do dom de Deus, da chamada de Deus, nos mova a uma ação de graças mais intensa; não só com palavras: também com palavras, mas sobretudo com a atitude da alma, com a alegria de nos sabermos amados por Deus, escolhidos por Deus. Portanto, não

fundamentemos, esta nossa alegria em nossas virtudes, em nossa capacidade, mas no dom de Deus.

Unidade: homens, mulheres, sacerdotes, leigos; cada um em seu lugar, mas todos com a mesma vocação, com a mesma missão apostólica, com o mesmo espírito. Uma unidade que devemos viver, sendo família, sendo família... Essa unidade é, portanto, uma unidade – como toda unidade verdadeira, humana – fundamentada na caridade. Quantas vezes nosso Padre insistia e dizia com veemência: “Que vocês se amem, que vocês se amem!”². E algumas vezes lembrava umas palavras de uma epístola de São João ao afirmar: “sabemos que fomos trasladados da morte para a vida, porque amamos nossos irmãos”³. É um eco das palavras do Senhor, do mandamento novo: “Que vos ameis uns aos outros, como eu vos amei”⁴.

Tendo recebido em nossas mãos o tesouro da Obra, depende de cada um de nós que este tesouro se mantenha: frutifique em tantas almas e se mantenha fiel ao longo dos tempos. E, claro, depende também de que mantenhamos algo tão essencial como o ar de família, o carinho, a caridade e a unidade. Escutamos São Paulo quando escreve aos Efésios – e diz isso também a nós – quando já tinha sido preso: “Rogo-vos, eu prisioneiro do Senhor, que vivais solícitos para conservar a unidade de espírito com o vínculo da paz, sendo um só corpo e um só espírito, assim como fostes chamados a uma só esperança, a de vossa vocação”⁵. A vocação leva-nos a viver com uma grande esperança e nos impulsiona precisamente à unidade. A uma unidade em torno do Senhor, que é quem nos dá a capacidade de querer de verdade aos outros, sem distinções. É a força que nos move a promover sempre o que une e a rejeitar o que separa. Recordamos também como nosso Padre quis colocar no oratório do Conselho aqui em Roma, em Villa Tevere, essas palavras do Senhor: “*Consummati in unum*”⁶. E comentava: “Todos com Jesus Cristo somos uma só coisa”⁷. Hoje é um dia excelente para pedir ao Senhor que nos sintamos uma só coisa com Cristo, e que nos comportemos de modo consequente. Que tudo o que é importante para os

². Id, *Forja*, 454

³. 1 Jo 3,14

⁴. Jo 13,34.

⁵. Cf Ef. 4, 1-4.

⁶. Jo 17, 23

⁷. São Josemaria, *Carta 29-IX-1957*, n. 83.

outros seja para nós algo muito nosso; não permitamos que ninguém em Casa sinta a amargura da indiferença. E que nunca sejamos tão tolos a ponto de pensar que somos indiferentes para os outros, o que não é verdade, porque nos querem e nos compreendem, da mesma forma que nós procuramos compreender e querer aos outros.

Ut omnes unum sint! Uma unidade que é de família, mas de família aberta, que quer se desenvolver, que quer crescer. Trata-se de uma unidade, portanto, que transborda continuamente em anseio apostólico. O Senhor quis que a Obra, tanto em 1928 como 1930 – e de alguma forma também em 1943, muito especialmente, porém, no 1928 e em 1930 – nascesse em momentos muito difíceis – concretamente para a Espanha, onde Ele quis que a Obra nascesse, embora já com um espírito, com uma realidade universal. Momentos difíceis. E nunca devemos nos assustar diante de tais momentos. A situação atual também é difícil. Sempre haverá dificuldades: para um labor, em um lugar ou em outro, também as nossas dificuldades pessoais, mas não devemos nunca nos assustar, e muito menos nos desalentar ou desanimar pelas dificuldades que a Obra, que nós, cada um pessoalmente, possamos encontrar na nossa vida pessoal, no labor apostólico, em nosso trabalho. Ao ficar sabendo de tantas situações difíceis – também as tragédias no mundo, como há atualmente e sempre houve, de um modo ou de outro – não as encaremos nunca como algo alheio. Terremotos, guerras, perseguições. Tudo é nosso, tudo é nosso. E isso não nos leva ao desalento, mas à oração, a intensificar a nossa união com o Senhor, o nosso anseio de almas, a desagrar, a rezar... E sempre com alegria, sem perder a esperança. Sabendo que teremos sempre a grande arma da oração. A grande arma do trabalho convertido em oração. A grande arma do *Deus nobiscum*, pois Deus sempre está conosco. A arma da oração para fazer a Obra. Tantas vezes recordamos – como o nosso Padre dizia com muita frequência – que não temos outra arma a não ser a oração para fazer a Obra. Por isso, hoje é também um dia para que, sentindo a jubilosa responsabilidade de fazer o Opus Dei, cada um veja, na própria vida, como está usando essa arma, a única que temos: a oração. Sabendo, além disso, que a oração deve ser também oração dos sentidos, espírito de penitência, mortificação. Não se trata de uma simples coincidência, mas de providência de Deus – sabemos disso muito bem – que o Senhor tenha querido coroar a Obra com o selo da Santa Cruz, naquele 14 de fevereiro de 1943. Sabemos

como nosso Padre, desde o princípio, mortificou-se muito para levar adiante a Obra, com umas mortificações muito exigentes, tão exigentes que dizia que nós não devíamos fazer tanto, que o que deve permanecer é o espírito, a mortificação constante no pequeno e comum.

A primeira leitura da Missa de hoje, do livro do Eclesiástico, traz umas palavras atribuídas à sabedoria de Deus – referem-se profeticamente a Nossa Senhora e à Igreja aplica-o assim na liturgia: “Eu sou a Mãe do Amor Formoso... e a Mãe da Santa Esperança”⁸. Sim, é necessário ter esperança pensando na Obra, pensando no mundo, também nas dificuldades que há em toda parte. Cheios de esperança, recorrendo à Virgem Maria que é Mãe da Esperança porque é Mãe de Cristo e Ele é nossa esperança. Nossa esperança não está em nossas forças, em nossos meios, está no Senhor porque Ele é nossa esperança. E Nossa Senhora é a Mãe da Esperança, a Mãe de Cristo, Mãe Nossa.

Deus é o fundamento de nossa esperança, Cristo Nosso Senhor. A esperança para cada um de nós de sermos fiéis, santos, de chegar ao que o Senhor quer que sejamos: santos de verdade. A experiência de nossas limitações, de nossos defeitos, pode tantas vezes fazer-nos pensar – se não de um modo explícito, mas como uma atitude de fundo – que é uma meta bonita, mas que santos mesmo nunca chegaremos a ser. E estamos enganados, porque no Céu só entram os santos – talvez através do purgatório –, mas temos que ser santos. O Senhor quer isso e nos dá os meios, é a sua vontade. Não nos desalentemos nunca por nossas limitações pessoais. Podemos dizer – não com soberba, mas com confiança no Senhor – o mesmo que os apóstolos: “*Possumus!*”⁹, podemos, posso. Cada um de nós pode dizer: Senhor, eu posso ser santo! Cada uma de vocês pode dizer: Senhor eu posso ser santa! Vou ser santa porque Deus o quer, porque Ele me deu os meios, porque a santidade não consiste em chegar ao final da vida sendo uma “peça de museu”, sem nenhum defeito. Teremos defeitos, mas podemos crescer sempre no amor. Nosso Padre dizia que santo é quem luta. Podemos chegar a realizar o que o Senhor quis com a Obra: nossa santidade, a de tantas pessoas, também através de nosso labor, de nosso trabalho.

⁸. Cf *Si* 24, 18.

⁹. *Mt* 20, 22.

Esperança de ser santos e também esperança para o mundo, esperança apostólica. Temos uma tarefa imensa pela frente, e devem ressoar em nossa cabeça, com muita frequência, as palavras de nosso Padre: “o céu está empenhado em que a Obra se realize”¹⁰. Quando tivermos dificuldades: o céu está empenhado em que se realize. E nós também, Senhor, queremos estar empenhados. Em primeiro lugar, com nossa fé, com nossa esperança. Essa fé da qual São Paulo nos fala com as seguintes palavras – e nosso Padre quis até gravá-las em pedra numa das portas destes edifícios: “*Semper, scientes quod labor vester non est inanis in Domino*”¹¹, devemos estar sempre convencidos de que nosso trabalho nunca é inútil diante de Deus, que nada se perde – nosso Padre dizia assim também – nada se perde. Que tenhamos esperança.

Vamos pedir à Virgem Maria, por intercessão de nosso Padre, que sejamos pessoas com esperança, que não desanimemos. E com São Paulo rezamos: “O Deus da esperança vos encha de toda a alegria e de toda a paz na vossa fé, para que pela virtude do Espírito Santo transbordeis de esperança”¹². É uma oração que fazemos nossa. O Deus da esperança: Deus é Deus da esperança, o que nos dá a esperança, Ele é nossa esperança. Não são nossos méritos, nossas virtudes; o Senhor é nossa esperança. Que o Deus da esperança nos cumule de toda alegria - pedimos-lhe assim- que nos encha de toda alegria e de paz na fé, na segurança, com a força do Espírito Santo. Alegria e paz, *gaudium cum pace, gaudium cum pace...* Isso pedimos ao Senhor, por intercessão de nosso Padre, hoje, agora, para nós, para todas as nossas irmãs, para todos os nossos irmãos: a alegria e a paz. Uma alegria e paz fundamentadas no Senhor, em Nossa Senhora, que é a Mãe da Santa Esperança.

E ela é – lemos também este texto na primeira leitura – essa *Mater pulchrae dilectionis*, Mãe do Amor Formoso. Mas o texto sagrado acrescenta que é também Mãe da dor. Um amor formoso unido à dor. E o Evangelho da Missa é esse episódio em que o Senhor fica no Templo sem avisar a Nossa Senhora nem São José. Na hora de ir embora, pensavam que o Menino – já com 12 anos – estaria com amigos na caravana, mas não o encontram. Começam a procurar e não o encontram em nenhum lugar. Três dias procurando. Meditamos tantas

¹⁰ . São Josemaria, *Instrucción*, 19-III-1934, n. 47.

¹¹ . 1Cor 15, 58 (“Sabeis que o vosso trabalho no Senhor não é em vão”)

¹² . Rm 15, 13.

vezes nisso. E quando o encontram a Maria fica surpreendida: “Meu filho, que nos fizeste?”¹³. Eles o encontram e não é porque tivesse se perdido, mas tinha ficado porque queria, simplesmente. E a essa pergunta, a resposta é ainda mais incompreensível. “Por que me procuráveis?”¹⁴ E o Evangelho o diz claramente: A Virgem Maria e São José não entenderam o Senhor¹⁵. Senhor, nós hoje também lhe pedimos para não estranhar que às vezes não compreendamos você. Quando não entendermos a providência do Senhor – teus planos, o que acontece no mundo, o que acontece em nossa própria vida – que façamos como Nossa Senhora: transformar essas coisas em motivo de oração¹⁶, em amor. Amar o que não entendemos. Ela, como é Mãe do Amor Formoso, ensina-nos a amar, também sem entender. Porque então consegue-se um conhecimento maior. Nosso Padre dizia – lembrem-se bem – que “o amor é sapientíssimo”¹⁷. E quando amamos, acabamos entendendo, com um entender que talvez não seja um entender puramente intelectual, mas um entender de sintonia espiritual. Estamos em sintonia com Deus ainda que não entendamos. E é uma grande sabedoria estar em sintonia com os planos de Deus quando não os entendemos. Mãe nossa, Mãe do Amor Formoso, ajuda-nos a experimentar esse amor que nos faça entender, um entendimento que não nos leve ao desconcerto, à inquietação pelo que não conseguimos entender pelo que humanamente nos desconcerte de início.

Mãe do Amor Formoso, ajuda-nos também a querer, a que nosso amor seja formoso, que seja um amor sacrificado, um amor que nos encha de alegria, que se derrame em fraternidade, em compreensão e em espírito de serviço. Esse amor formoso – Mãe nossa, isso é você que precisa conseguir para nós – que aumente cada vez mais, que o Espírito Santo o conceda para nós. Um amor formoso que nos leve a compreender mais, a perdoar também, que chegue o momento – nós o consideramos assim em nossa vida tantas vezes – em que não necessitemos de perdoar por nunca nos sentirmos ofendidos. Que amemos, portanto, os outros, que não nos sintamos ofendidos. Era nosso Padre que nos lembrava disso quando

¹³ . Lc 2, 48

¹⁴ . Lc 2, 49

¹⁵ . Cfr Lc 2, 50

¹⁶ . Cfr. Lc. 2, 51

¹⁷ . Javier Echevarría, *Memoria del Beato Josemaria Escrivá (Entrevista con Salvador Bernal) Rialp*, 2ª ed. Madri 2000, p. 261.

garantia: “não necessitei aprender a perdoar porque o Senhor me ensinou a amar”¹⁸.

Senhor, pedimos, por intercessão de nosso Padre, que nos você nos ensine a amar, que a Santíssima Virgem nos consiga do Senhor esse amor formoso que é fraternidade, que é entrega, que não é sentimentalismo, mas espírito de serviço, que é sentir de verdade as necessidades alheias como nossas. Mãe Nossa, Mãe da Santa Esperança, Mãe do Amor Formoso, preencha-nos, como dom de Deus, cada vez mais, com uma esperança grande e com um amor muito formoso, que nos leve a estar muito contentes, entregando-nos sempre aos outros, sacrificando-nos pelos outros.

¹⁸ . São Josemaria, *Sulco*, 804.

HOMILIAS

5. QUINTA-FEIRA SANTA (14-4-2022)

“Sabendo Jesus que havia chegado o tempo em que deixaria este mundo e iria para o Pai, tendo amado os seus que estavam no mundo, amou-os até o fim”. Nestes dias do Tríduo Pascal vamos relembrar esse “amor extremo” de Jesus. Um amor que não é abstrato, e sim concreto, manifestado constantemente durante a sua existência terrena.

Como Jesus demonstra esse amor sem limites? Em primeiro lugar, São João diz que derramou água em uma bacia e começou a lavar os pés dos seus discípulos. Jesus realiza um trabalho próprio de escravos. Ele mesmo já havia dito antes: “o Filho do Homem veio, não para ser servido, mas para servir” (Mt 20,28).

Quando os apóstolos discutiam sobre quem seria o maior, Jesus disse: “o que quiser tornar-se entre vós o primeiro, se faça vosso escravo” (Mt 20,27). Com este gesto de lavar os pés, o Senhor se faz servidor de todos. “Enquanto os grandes da Terra constroem ‘tronos’ para o próprio poder – diz o Papa Francisco-, Deus escolhe um trono incômodo, a cruz, de onde reinar dando a vida”. O serviço não é algo humilhante, e sim o mais elevado que podemos fazer, pois encarna o estilo de vida de Cristo.

Mas o amor de Jesus não ficou somente neste gesto. Na segunda leitura, escutamos o relato da última ceia escrito por São Paulo. “Na noite em que ia ser entregue, tomou o pão e, dando graças, partiu-o e disse: Isto é o meu corpo, que será entregue por vós; fazei isto em memória de mim” (1Cor 11,24). Jesus ficou conosco para sempre. São Josemaria usava a imagem das fotografias entre apaixonados como símbolo que recorda a outra pessoa quando a vida as separou. Mas o que Jesus Cristo nos deixou não é uma simples imagem ou uma

recordação: “fica Ele mesmo. Irá para o Pai, mas permanecerá com os homens” (*É Cristo que passa*, n 83).

Jesus conhece nossas debilidades; ao fazer-se homem, quis experimentar os limites da natureza humana, com exceção do pecado. Sabe que atravessamos dificuldades e sofrimentos. Por isso, seu amor extremo o levou a dar-se a si mesmo como alimento, que nos fortalece. Cada vez que o recebemos nos unimos a Ele, nos transformamos em quem é amor vivo. “Quando nos alimentamos com fé do seu Corpo e do seu Sangue, o seu amor vem a nós e torna-nos capazes por nossa vez de dar a vida pelos nossos irmãos e não de a termos para nós mesmos” (*Bento XVI*, Audiência, 18/03/2007).

Na primeira leitura, recordamos a instituição da ceia pascal, memória da liberação da escravidão no Egito. Trata-se de uma imagem profética da Páscoa de Cristo, que libera o mundo do pecado. A Paixão é o cume do amor extremo de Jesus pelos homens: “Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a sua vida por seus amigos” (Jo 15,13). Um pai, quando vê seu filho sofrer, sofre com ele, e faz tudo o que está em suas mãos para aliviar essa dor. E Deus, ao ver-nos escravos do pecado, não duvidou em mandar seu único Filho para nos dar uma liberação mais profunda que a que viveu o povo de Israel: a liberdade dos filhos de Deus. Já não estamos à mercê do maligno. Jesus, com sua Paixão, derrotou o príncipe deste mundo. E agora também nós podemos repetir com são Paulo: “Tudo posso naquele que me conforta” (Flp 4, 13).

Jesus nos ama até o extremo. Sem limites, mas de modo concreto. Lava os nossos pés em cada confissão, purificando-nos dos nossos pecados. Oferece-se a nós como alimento na Eucaristia, para que encontremos forças na luta diária para viver como filhos de Deus. Hoje podemos pedir à nossa Mãe Santa Maria que saibamos acolher sem limites esse amor extremo de seu Filho.

Após, o prelado pronunciou estas palavras em inglês:

Durante o Tríduo Pascal, lembramos o amor extremo de Jesus. O seu amor não é abstrato – ele se torna concreto em primeiro lugar no lava-pés. Cristo assume uma tarefa que era reservada aos escravos. Ao fazer isso, torna-se servo de todos nós. O serviço não é humilhante, é a atividade mais sublime que podemos exercer, porque encarna a maneira como Cristo viveu.

Vemos também a radicalidade do seu amor em sua decisão de permanecer conosco na Eucaristia. Ele conhece nossa fraqueza. Sabe que passamos por momentos difíceis e de sofrimento. E, exatamente por isso, o seu amor ilimitado o levou a se oferecer a nós como alimento, para ajudar-nos a fortalecer-nos. Cada vez que O recebemos nos unimos a Ele, nos transformamos naquele que é o Amor vivo.

6. SEXTA-FEIRA SANTA (15-4-2022)

Acabamos de ler o relato da Paixão e acompanhamos a Jesus desde o Getsêmani até o Calvário. Dentre todos os personagens que aparecem neste caminho, gostaria de me deter em três, aos que Jesus dirige um olhar especial: Pedro, João e a Virgem Maria.

O Pedro que presenciamos aqui é diferente do da última ceia. Naquele momento vimos um Pedro enérgico, capaz de fazer o que fosse pelo Senhor: “Estou pronto a ir contigo tanto para a prisão como para a morte” (Lc 22,33). Havia dito isso com plena convicção. De fato, no horto das oliveiras, vemos a demonstração, na prática, desta intenção: tirou a espada e feriu com ela o criado do sumo sacerdote. Queria defender o Mestre, ainda à custa do risco que comportava um gesto como esse.

No entanto, no momento da prova, enquanto Jesus era interrogado, mostrase incapaz de dar a cara pelo seu Senhor, e jura não o conhecer. As lágrimas amargas de depois mostram sua dor e marcam o começo de sua conversão. A partir de então não apoiará tudo em suas qualidades, mas em sua contrição. Pedro será agora muito mais Rocha do que antes porque é mais consciente da sua

debilidade e da grandeza do amor de Deus. O olhar que Jesus lhe dirigiu, como faria mais tarde na margem do lago, não é de repreensão, mas uma confirmação em seu papel como cabeça da Igreja, “um olhar que toca o coração e dissolve as lágrimas de arrependimento” (Papa Francisco, Homilia, 29/06/2016).

De João sabemos que era “o discípulo amado”. Era aquele apóstolo adolescente que “amava a Cristo com toda a pureza e toda a ternura de um coração que nunca se corrompera” (São Josemaria, Amigos de Deus, n. 266). Desde muito cedo, Cristo havia se convertido no centro da sua existência, e por isso encontramos João muito perto d’Ele em toda a Paixão até a morte na Cruz. Não lhe importava ser reconhecido como um dos seus discípulos.

João nos mostra assim um testemunho valente e sem complexos que não teme dar a cara pelo Senhor no momento mais difícil. Aí o vemos: no meio da multidão durante o julgamento, na flagelação, no caminho para o Calvário. Quando talvez o mais simples teria sido fugir, como os outros, ele permanece. Sem medo do ambiente, mostra-se tal qual é: um apaixonado por Cristo. Jesus, crucificado, certamente lhe dirigiria um olhar agradecido pela sua fidelidade e, sobretudo, por estar cuidando da Virgem Maria nesse dia de dor. Por isso exclamou: “Aqui tens a tua mãe” (Jo 19,27).

Isto nos leva a pousar agora os nossos olhos sobre Nossa Senhora. Chegou o dia em que se fez realidade aquela profecia de Simeão: “uma espada transpassará a tua alma” (Lc 2,35). Não há dor como a sua dor. Mas não foge. Assim como seu Filho, que abraçou a Cruz que lhe causaria a morte, ela abraça também a sua Paixão e acompanha Jesus em cada um dos seus sofrimentos. “Todo aquele que faz a vontade de meu Pai que está nos céus, esse é meu irmão, minha irmã e minha mãe” (Mt 12,50). Maria é a mãe de Jesus não só no sentido físico, mas também pela sua perfeita união com a vontade de Deus, que abraça agora sem reservas.

A sede que o Senhor tem nesses momentos é a sede da nossa salvação, da nossa felicidade. E ao contemplar agora a sua Mãe, encontra nela um olhar de consolo que alivia essa sede. Apenas com sua presença Maria lhe ofereceu o maior consolo. Por isso Cristo nos entregou sua Mãe, para que nós também possamos achar nela o mesmo consolo.

Jesus também dirige esses olhares a cada um de nós. Quando, assim como Pedro, nós O negamos, olha-nos convidando-nos a ser fiéis à nossa vocação de cristãos. E como a João, olha-nos com carinho agradecido quando, com coração indiviso, O seguimos com fidelidade nos momentos mais obscuros. E como à Nossa Senhora, olha-nos com o desejo de encontrar em nós o mesmo consolo que achou em sua Mãe.

7. VIGÍLIA PASCAL (16-4-2022)

Igreja prelatícia de Santa Maria da Paz, Roma

“No primeiro dia da semana, bem de madrugada, as mulheres foram ao túmulo de Jesus, levando os perfumes que haviam preparado” (Lc 24,1). As mesmas mulheres que haviam seguido o Senhor até a Cruz são as que agora vão embalsamar o corpo morto de Jesus. Um gesto que ninguém mais se atrevia a fazer por medo das autoridades. Nem as pessoas que o aclamaram ao entrar em Jerusalém, nem mesmo os apóstolos: somente estas mulheres. Sua atitude valente revela a missão do gênio feminino no mundo, em palavras do Papa Francisco: “que nos ensina a acariciar, a amar com ternura e que faz do mundo uma coisa bela” (Papa Francisco, Homilia, 9/02/2017). Enquanto o resto dos seguidores de Jesus permaneciam fechados em sua desesperança, elas quiseram ter este último detalhe de carinho com o corpo do Senhor. Estavam convencidas de que assim o mundo, mesmo no meio da mais plena obscuridade, seria um pouco mais belo.

Deus, no entanto, tinha preparada uma surpresa para estas mulheres. Em vez do corpo morto de Jesus acharam dois anjos que lhes disseram: “Por que estais procurando entre os mortos aquele que está vivo?” (Lc 24,5). Quem segue Cristo com fidelidade está aberto para este tipo de surpresas. Ele sempre supera as nossas expectativas, os nossos desejos, os nossos planos. Estas mulheres se contentavam com dar um último adeus ao seu Senhor e, de repente, encontram esta notícia: Jesus vive. Estavam tão desconcertadas e atemorizadas que só

“olhavam para o chão” (Lc 24,5). Mas ao recordar as palavras de Jesus, que dizia que convinha que fosse crucificado para que ressuscitasse, o temor se converte rapidamente em alegria. E esta foi a sua reação: anunciar a todos que Jesus havia ressuscitado. De certo modo, pode-se dizer que elas foram *apóstolos de apóstolos*.

Esta tarefa não foi algo imposto, mas a ação mais natural que podiam realizar. É o impulso espontâneo de quem recebeu um dom que preenche o coração e muda a vida: Cristo vive. Este é o fundamento da nossa fé, da nossa esperança, do nosso amor: Jesus ressuscitou. Rompeu as cadeias da morte. O mal já não tem a última palavra, e sim o Filho de Deus. Os cristãos, como estas mulheres, comunicamos esta realidade aos outros: Deus nos manifestou o seu imenso amor em Cristo morto e ressuscitado por cada um de nós.

“Como Cristo ressuscitou dos mortos pela glória do Pai – escreve são Paulo, assim também nós levemos uma vida nova” (Rm 6,4). A ressurreição de Jesus renovou toda a nossa vida. Esta segurança torna fecundo todo o nosso agir, ainda que muitas vezes não seja completamente visível. Esta é a força da nova vida da ressurreição.

“Por que estais procurando entre os mortos aquele que está vivo?” (Lc 24,5). Essa nova vida faz com que o centro das nossas aspirações e dos nossos desejos mais profundos estejam no Senhor. Se baseássemos a nossa felicidade nas coisas aqui de baixo – no prazer, no sucesso, na riqueza... é como se estivéssemos buscando entre os mortos aquele que vive. Cristo nos convida a olhar para cima, a viver com a certeza de sentirmo-nos sempre amados por Ele. Esse amor, que não muda, realiza os desejos mais profundos do nosso coração.

Como dizia são Josemaria, a ressurreição “revela-nos que Deus não abandona os seus (...) continua a achar as suas delícias entre os filhos dos homens”. Cristo permanece entre nós em sua Igreja, especialmente na Eucaristia, “ a raiz e a consumação da sua presença no mundo” (São Josemaria, *É Cristo que passa*, n. 102). E permanece também em cada um de nós, como havia prometido aos apóstolos: “Se alguém me ama, guardará a minha palavra, e o meu Pai o amará, e nós viremos e faremos nele a nossa morada” (Jo 14,23). O cristão está chamado à identificação com Cristo: a pensar, reagir e atuar como o Senhor faria; em suma, a buscar a união com Jesus em tudo o que fazemos.

Podemos pensar que a primeira pessoa para quem Jesus ressuscitado apareceu foi a sua Mãe. Durante os três dias anteriores ela aguardaria esse momento com uma esperança que explodiria em alegria ao tê-lo de novo com ela. Podemos pedir sempre à Virgem Maria que também saibamos estar com Jesus ressuscitado com essa mesma alegria, sabendo-nos abertas e abertos a uma nova vida.

8. Na Villa de Guadalupe (27-10-2022)

Gostaria, em primeiro lugar, de manifestar meu agradecimento ao Senhor por poder celebrar a Santa Missa neste lugar santo, onde as infinitas misericórdias de Deus se manifestaram com generosidade divina por meio do rosto de Nossa Senhora de Guadalupe. Obrigado, Senhor! Obrigado, Mãe nossa!

Acabamos de ler no Evangelho, estas palavras em que Jesus lamenta a dureza humana de coração: “Jerusalém, Jerusalém! Tu que matas os profetas e apedrejas os que te foram enviados” (Lc 13, 31-35). O Senhor encontrou dificuldades e oposição que o levaram até a Cruz. Uma Cruz aceita por amor a nós, pela nossa salvação.

Sempre houve dificuldades, também agora, no mundo, na Igreja, na vida de cada pessoa e na de cada um de nós. Especialmente, Jesus se refere expressamente à oposição violenta àqueles que são enviados por Deus. Aqui também podemos nos reconhecer, porque todos os cristãos somos enviados pelo Senhor, apóstolos, para levar a alegria do Evangelho ao mundo. E encontramos mais ou menos dificuldades, começando por nossos próprios limites e defeitos.

Mas não admitamos o pessimismo nem o desânimo. Na primeira leitura, como aos cristãos de Éfeso, São Paulo nos dirige estas palavras de alento: “confortai-vos no Senhor, e no domínio de sua força” (Ef 6, 10-20). Sim, fortaleçamos nosso ânimo por meio da fé na assistência, na presença de Deus em

nós, reconhecendo-nos filhos de Deus em Jesus Cristo: filhos de um Deus que é Amor e que tudo sabe e tudo pode.

São Josemaria teve estas palavras latinas muito gravadas em sua alma: *Si Deus nobiscum, quis contra nos?* Foi São Paulo quem escreveu: “Se Deus é por nós, quem será contra nós?” (Rm 8, 31). E o Senhor nos confirma, como aos Apóstolos: “Eis que estou convosco todos os dias, até o fim do mundo” (Mt 28, 20).

Unindo-nos à oração de São Josemaria à Nossa Senhora de Guadalupe em 1970, colocamos em suas mãos todas as necessidades do mundo, da Igreja, da Obra, de cada um de nós. Todas as alegrias e todas as penas. Desejamos que esta nossa oração seja expressão de uma fé viva. Uma fé mais viva que seja fundamento de uma esperança mais segura e de uma caridade mais intensa. Como são consoladoras as palavras que Nossa Senhora de Guadalupe dirigiu a São Juan Diego, e que hoje continua dirigindo a cada um de nós: “Ouça e tenha por entendido meu filho, o menor de todos, que é nada o que te assusta e aflige, que o seu coração não se turbe. Não estou eu aqui, que sou sua Mãe? Não está você sob a minha sombra? Não sou eu a sua saúde? Porventura, você não está no meu colo?” Nada pode tirar-nos a paz e a alegria.

Fé, esperança, caridade que façam de nós almas de oração, como a Igreja nascente, quando todos perseveravam na oração com Maria, a Mãe de Jesus (cfr. At 1, 14). Lá estavam os apóstolos, liderados por Pedro. Por isso, nossa oração sempre se une à do sucessor de Pedro, do Romano Pontífice. Rezamos especialmente pelo Papa Francisco, que repete com frequência, como uma oração de intercessão: “Que Santa Maria Virgem cuide de você”.

Também como os Apóstolos em Pentecostes, que saíram para conquistar o mundo para Cristo, vivamos cada dia dando à nossa existência cotidiana um sentido apostólico sempre novo. No México e a partir do México, até o último recanto do mundo. Esta terra, que recebeu tantas bênçãos de Deus, tem uma especial responsabilidade para ser sal e luz nos cinco continentes, começando pelos lares de família e os lugares de trabalho.

E sempre, apesar da nossa debilidade, com a alegria das filhas e dos filhos de Deus, com a proteção e ajuda maternas de Nossa Senhora de Guadalupe.

A Providência quis que eu pudesse celebrar a Santa Missa neste santuário bendito, no dia de meu aniversário. Como costumava fazer São Josemaria, estendo minha mão para pedir-lhes uma oração ao Senhor, por meio da Senhora de Tepeyac, por mim e pelas minhas intenções, que são as da Igreja, as da Obra e as de cada um de vocês. Assim seja.

9. NA FESTA DO BEM-AVENTURADO ÁLVARO DEL PORTILLO

(12-5-2023)

Basílica de Santo Eugênio, Roma

Celebramos hoje a festa do Bem-aventurado Álvaro del Portillo. Começamos esta santa Missa com umas palavras na Antífona de entrada que bem se poderiam aplicar a d. Álvaro: “Este é o servo fiel e prudente, que o Senhor pôs à frente da sua família”. Como pastor da família do Opus Dei, a sua principal preocupação foi cuidar das suas filhas e filhos. Deste modo, desempenhou o seu serviço à Igreja, chegando também a uma multidão de outras almas

As leituras da Missa mostram-nos a figura do Bom Pastor. Deus, por meio do profeta Ezequiel, assegura ao seu povo que, apesar das dificuldades, Ele não os abandonará. “Vou tomar eu próprio o cuidado com minhas ovelhas, velarei sobre elas. (...). A ferida, eu a curarei; a doente, eu a restabelecerei, ” (Ez 34, 11-16). É Deus quem guia. É Deus quem salva. E disso d. Álvaro sabia bem. Era consciente de que tinha muitos talentos e, mais ainda, sabia que os tinha recebido do Senhor para colaborar no cuidado paternal das pessoas que lhe tinham sido confiadas. Nesta tarefa, além disso, tinha aprendido de São Josemaria que a humildade é o verdadeiro caminho que leva à santidade, também como pastor: se reconhecermos a grandeza de Deus e como atua através de nós – com talentos e até com debilidades, compreendemos que o seu infinito amor está muito próximo e que Ele não nos abandona nunca. A humildade abre os olhos para compreendermos o modo que Deus tem de atuar: através dos pastores, é também Ele que continua a procurar-nos.

Foi assim que d. Álvaro cuidou do rebanho do Opus Dei. Com a humildade e a responsabilidade do pastor, que deseja transmitir a bênção de Deus a todos. Viveu com os desvelos próprios de um pai que dá o melhor da sua vida pelos seus filhos. Afinal, D. Álvaro procurou amar como Cristo fez. Lemos no Evangelho: “Eu sou o bom pastor. Conheço as minhas ovelhas, e elas me conhecem” (Jo 10, 14). A sua atitude humilde, além disso, infundia paz e serenidade. Podemos perceber isso até nas imagens que conservamos dele. Confiava em Deus, e convidava os seus filhos a pôr a esperança em Quem nunca decepciona.

O Papa Francisco, na carta que escreveu no momento da beatificação de d. Álvaro, sublinhou outro aspecto que marcou a sua vida, além da humildade. “Destacava-se especialmente o seu amor à Igreja, esposa de Cristo, à qual serviu com um coração despojado de interesses mundanos, longe da discórdia, acolhedor para com todos e buscando sempre o lado positivo nos demais, o que une, o que constrói. Nunca uma queixa ou crítica, nem sequer nos momentos especialmente difíceis, quando, como aprendeu de São Josemaria, respondia sempre com a oração, o perdão, a compreensão, a caridade sincera”.

Recordando os benefícios que a sua vida trouxe a nós e à Igreja, podemos pedir ao Senhor que saibamos cultivar estas mesmas atitudes de d. Álvaro: a humildade e o serviço à Igreja em todos os ambientes, na família, no trabalho e nas nossas amizades. Está ao alcance das nossas mãos procurar sempre o que há de positivo nos outros, pois sempre podemos reparar mais no que nos une e não tanto no que possa nos separar. A proximidade de Deus –principalmente nos sacramentos– permite-nos responder em cada momento com a compreensão e o perdão quando uma pessoa não se ajustar às nossas expectativas. Embora em alguns ambientes possa reinar por vezes a irritação ou a desunião, podemos reagir com oração, para descobrir como atuar com um estilo de vida marcado pelo Evangelho.

A expressão “obrigado, perdão e ajuda-me mais” era uma jaculatória que D. Álvaro costumava repetir com frequência. Podemos terminar considerando como tinha um coração agradecido a Deus por todos os bens que recebera do Senhor. E como, fruto dessa atitude, sabia também pedir perdão. A consciência da sua fraqueza não lhe tirava a paz, mas levava-o a pedir mais ajuda. Levava-o a confiar mais na providência divina e também na proteção maternal da Virgem Maria. Podemos recorrer a Ela neste mês de maio para que, como d. Álvaro,

sejamos pessoas agradecidas, humildes e com desejos de cuidar com delicadeza daqueles que nos rodeiam, como expressão do nosso serviço à Igreja.

10.NA FESTA DE SÃO JOSEMARIA (25-6-2022)

Igreja da Divina Providência, Varsóvia, Polônia

Na primeira leitura, escutamos o relato da Criação. Deus se detém especialmente para modelar o homem. Também prepara um lar adequado para ele morar: *o Senhor Deus plantou um jardim em Éden, a oriente, e ali pôs o homem que havia formado. E lhe dá um encargo: participar do cuidado da criação: O Senhor Deus tomou o homem e colocou-o no jardim de Éden, para o cultivar e guardar.*

Vem à memória o começo da carta de São João Paulo II aos artistas: *o Artista divino transmite uma centelha da sua sabedoria transcendente ao artista humano, chamando-o a partilhar do seu poder criador. E acrescentava: todo o homem recebeu a tarefa de ser artífice da própria vida: de certa forma, deve fazer dela uma obra de arte, uma obra-prima.*

Essa obra de arte em nossa vida é a santidade, a que Deus nos chama, como pregou incansavelmente São Josemaria, cuja festa celebramos hoje. Uma santificação na vida diária e através da vida diária, especialmente do trabalho. Transformar o trabalho em oração, em oferecimento a Deus. E, para isto – ensinava São Josemaria - “uma primeira condição é trabalhar e trabalhar bem”.

Todos aqueles que se deixam conduzir pelo Espírito de Deus são filhos de Deus. Assim nos diz São Paulo na segunda leitura. É Jesus Cristo quem nos ensina a trabalhar como bons filhos. Resumindo, santificar o trabalho é trabalhar com Ele, encontrá-lo no labor cotidiano.

A Presença de Deus conosco e em nós dá sentido a tudo o que fazemos: É preciso convencer-se de que Deus está junto de nós continuamente. - Vivemos como se o Senhor estivesse lá longe, onde brilham as estrelas, e não consideramos que também está sempre ao nosso lado (Caminho, n. 267). Nas coisas de cada dia, em nosso trabalho e nas obrigações familiares, o Senhor nos diz - como aos apóstolos - o que escutamos no Evangelho: “Avança para águas mais profundas, e lançai vossas redes para a pesca”. A missão que Jesus nos confia – a própria santificação e a difusão do Evangelho - não fica à margem das obrigações da vida diária.

Alegra-me celebrar esta santa Missa em honra de São Josemaria em Varsóvia, neste templo da Divina Providência, construído em ação de graças pela proteção de Deus ao povo polonês. Há poucos meses, neste templo, o cardeal Stefan Wyszyński foi beatificado. O lema do Bem-aventurado Stefan Wyszyński era *Soli Deo*, ou seja, *Soli Deo honor et gloria*. Não difere muito de um dos lemas de São Josemaria: *Deo omnis gloria*, para Deus toda a glória. Não basta que nos esforcemos em muitos trabalhos, na vida de família, em diversas iniciativas apostólicas. Precisamos procurar fazê-lo para a glória de Deus, por Amor a Deus e por serviço aos outros; sem desanimarmos pelos nossos defeitos, pois podemos sempre começar e recomeçar com a graça de Deus, que chega a nós especialmente na Eucaristia e no sacramento da Penitência.

Celebramos esta santa Missa em honra de São Josemaria no dia anterior à sua memória litúrgica, já que amanhã é domingo. Hoje, se comemora liturgicamente o Imaculado Coração de Maria. A ela confiamos especialmente a pessoa e as intenções do santo Padre Francisco, às que nos unimos todos na Igreja: *Omnes cum Petro ad Iesum per Mariam*. Entre estas intenções está, certamente, a paz na sofrida Ucrânia. Também acaba agora o ano dedicado à família - *Amoris Laetitia*. Confiamos à intercessão da Santíssima Virgem, Mãe

de Deus e Mãe nossa, todas as famílias do mundo e, de modo particular, as famílias polonesas.

Amém.

11. Memória litúrgica de São Josemaria **Roma, 28/6/2023** *Basílica de Santo Eugênio (Roma)*

“Todos aqueles que se deixam conduzir pelo Espírito de Deus são filhos de Deus” (Rm 8, 14). Estas palavras de São Paulo exprimem o enorme dom que o Espírito Santo nos concede: sermos filhos de Deus. A consciência da nossa filiação divina faz-nos viver sem temor: “Não tenho medo de nada nem de ninguém: nem de Deus, que é meu Pai, dizia São Josemaria. No aniversário da sua partida para o Céu, dia da sua festa, podemos considerar esta realidade, que foi o fundamento da sua vida espiritual e do carisma que entregou à Igreja.

O fundador do Opus Dei considerava-se diante de Deus como uma criança que balbucia, e isto levava-o a desejar crescer sempre no amor a Deus; a começar e recomeçar cada dia. Tinha uma intimidade com o Senhor que o levava a ver todos os acontecimentos como gestos do Seu amor paterno. Hoje podemos perguntar-nos se nós também deixamos que a consciência de sermos filhos de Deus envolva todas as dimensões da nossa vida.

Considerar frequentemente, com fé, a nossa filiação divina, vai nos ajudar a percorrer com esperança, dia a dia, apesar da nossa fraqueza e das circunstâncias alheias à nossa vontade, o caminho rumo à identificação com Cristo, rumo à santidade, como nos diz São Josemaria: “Jesus compreende a nossa debilidade e atrai-nos a Si como que por um plano inclinado, desejando que saibamos insistir no esforço de subir um pouco, dia após dia” (*É Cristo que passa*, n. 75).

Este abandono filial nos leva a seguir o convite de Jesus aos Apóstolos, de avançar para águas mais profundas. Muitas vezes, o temor do fracasso pode paralisar os esforços de servir aos outros; em outras ocasiões pode ser o temor de deixar a nossa comodidade que nos leve a não querer abandonar a segurança da margem. Mas o Senhor anima-nos a entrar nesse mar maravilhoso da vida de apóstolo. É como se nos dissesse: confie na sua verdade mais íntima, ser filho de Deus, e não tenha medo de caminhar por um mundo que às vezes se apresenta como um mar revolto. E assim encontraremos a alegria e a paz.

O mar do mundo se vê agitado por muitos conflitos que nos afetam profundamente, como a guerra na Ucrânia. Também encontramos pequenas ou grandes tempestades no nosso dia a dia: no trabalho, na família, na nossa própria relação com Deus. Como Pedro, podemos ter a experiência de trabalhar toda a noite e não ter pescado nada. Mas o apóstolo não confiou em suas próprias forças, mas sim na palavra do Mestre. E o resultado não deixou margem a dúvidas: “apanharam tamanha quantidade de peixes que as redes se romperam” (Lc 5, 6). Ele sabe mais, e os seus planos são sempre bons.

Hoje Jesus também nos chama a lançar-nos a uma evangelização, a um apostolado que não conhece o medo, pois sabemos que é o Senhor que dirige a nossa barca. Ele promete-nos uma existência de entrega em que, junto com muitas alegrias, também não faltarão “os sofrimentos do tempo presente” que, contudo, “nem merecem ser comparados com a glória que deve ser revelada em nós”, como escreve São Paulo (Rm 8, 18).

Também não faltou o medo na vida dos Apóstolos. Depois da morte de Jesus, não eram capazes de sair das suas casas. O seu desejo de avançar rumo a águas mais profundas tinha desaparecido. Podemos perguntar-nos, com o Papa Francisco: “Quantas vezes nós nos fechamos em nós mesmos? Quantas vezes, por causa de uma situação difícil, de um problema pessoal ou familiar, do sofrimento que nos marca ou por causa do mal que respiramos à nossa volta, caímos lentamente na perda da esperança e na falta de coragem para continuar?” (Ângelus, 28/05/2023).

Só depois de receber o Espírito Santo, os Apóstolos abriram as portas e se libertaram dos seus medos. Tornaram-se então testemunhas incansáveis do Evangelho, a ponto de chegar aos confins do mundo conhecido e dar a própria vida. Podemos pedir ao Paráclito que nos ajude a sair do labirinto das nossas preocupações; que nos liberte do medo de remar para as profundezas, de enfrentar as pequenas e grandes batalhas da vida de apóstolo. O Espírito Santo aviva em nós a consciência da nossa filiação divina. Faz-nos sentir a proximidade de Deus que transforma o nosso medo em confiança, a nossa paralisia em audácia, as nossas dúvidas em segurança.

Nossa Senhora, que alentou os primeiros passos da vida da Igreja, também nos ajuda na aventura divina de avançar mar adentro. Acolhemo-nos à sua intercessão materna, para que nos acompanhe neste empenho sustentados por Ela, que é, como repetia São Josemaria, *Spes nostra*, a nossa Esperança.

12. MISSA DE ABERTURA DO ANO ACADÊMICO EM ROMA 2023/2024 (3-10-2023)

Queridos irmãos e irmãs,

“Enquanto as portas do lugar onde os discípulos estavam fechadas por medo dos judeus, Jesus veio, colocou-se no meio deles e disse-lhes: “A paz esteja convosco!” Dito isto, mostrou-lhes as mãos e lado. E os discípulos se alegraram quando viram o Senhor”.

Como todo mês de outubro, iniciamos um novo ano letivo com uma celebração eucarística. Cristo ressuscitado, que derramou o Seu sangue, faz-se presente sob as espécies do pão e do vinho e transmite-nos a Sua paz. Os discípulos encheram-se de alegria, e nós também nos abrimos a esta alegria e a esta paz”, características da Igreja desde os seus primórdios.

É uma realidade que está presente em cada missa e que anima o nosso compromisso durante todo o ano letivo. Como nos incentivava São

Josemaria, procuremos que o nosso trabalho tenha como centro e raiz a celebração eucarística: Cristo, que nos mostra o seu amor na Cruz.

Em algumas pinturas, o Pai sustenta a Cruz com os braços e sopra o Espírito Santo em direção a Jesus. O Crucifixo está presente em todas as salas de aula da universidade para nos ajudar a olhar para Ele. Então é mais fácil que esta seja uma comunidade de professores e discípulos, com um estilo familiar e alegre.

Como os discípulos naquele primeiro dia da Ressurreição, também nós ouvimos: “A paz esteja com vocês! Assim como o Pai me enviou, eu também os envio”. Estamos aqui em Roma, ao lado do Papa, há mais ou menos anos, e o Senhor quer confiar a cada um de nós esta maravilhosa tarefa para transmitir a verdade. Assim o mundo está cheio de paz. A paz esteja com você! Disse o Senhor.

“Tendo dito isto, respirou e disse-lhes: ‘Recebei o Espírito Santo. Para aqueles a quem perdoardes os pecados, eles serão perdoados’. Ainda não é Pentecostes, mas Jesus pensa imediatamente no perdão que está por vir depois do seu sacrifício redentor e da sua Ascensão ao Pai. O Paráclito infunde seu espírito para nos tornar participantes do amor divino que perdoa. Todos nós precisamos de perdão e paz: perdoar e ser perdoado. O Espírito Santo expande nossos corações para nos tornarmos mais abrangentes, mais universais, amando as diferenças que neste contexto romano estão muito presentes.

Ao sonhar com esta universidade, São Josemaria pensava em todos como romanos no sentido de universalidade. Assim, à aspiração tradicional “Ad Iesum per Mariam”, ele inseriu primeiro: Omnes cum Petro: Omnes cum Petro, ad Iesum para Mariam.

Acabamos de ouvir o que escreveu São Paulo aos Coríntios: “Existem vários carismas, mas há apenas um Espírito; existem diferentes ministérios, mas um só é o Senhor; existem várias atividades, mas só existe um Deus, que opera tudo em todos”. Isso é algo que você experimenta todos os dias na Igreja e também nos corredores, nas salas de aula da universidade. São Paulo acrescenta: “A cada um é dado uma manifestação particular do Espírito para o

bem comum. Como na verdade o corpo é um e tem muitos membros, e todos os membros do corpo, embora muitos, formam um só corpo, assim também Cristo".

Um corpo, muitos membros. A Assembleia do Sínodo dos Bispos começa depois de amanhã. Como nos pediu o Santo Padre, rezemos muito por esta intenção. Nós pedimos por ela ao Espírito Santo. No dia de Pentecostes “apareceram-lhes línguas como de fogo, que se dividiram e pousaram sobre cada um deles, e todos ficaram cheios do Espírito Santo e começaram a falar em outras línguas, na forma como o Espírito lhes deu o poder de se expressarem”. Pedimos também o dom das línguas, no sentido de saber encontrar os temas, os cenários e os métodos adequados às necessidades das pessoas que encontramos em nossos dias.

Os Atos dos Apóstolos dizem que “Eles ficaram maravilhados e, fora de si de espanto, disseram: ‘Não são galileus todos estes que falam? E como é que cada um de nós ouviu falar disso na sua própria língua nativa? [...] e os ouvimos falar em nossas línguas das grandes obras de Deus”. O milagre se repete ao longo da história da Igreja. Os apóstolos e discípulos, homens e mulheres, em receberem o Espírito Santo, estiveram reunidos em oração com Maria, Mãe de Deus e Mãe da Igreja. Queremos confiar-nos à intercessão materna de Maria com plena e alegre confiança filial.

CARTAS E MENSAGENS

13. MENSAGEM POR OCASIÃO DO APELO DO PAPA PELA PAZ

(26-2-2022)

Queridíssimos, que Jesus guarde as minhas filhas e os meus filhos!

Diante da nova guerra na Europa, unamo-nos de todo o coração ao convite do Papa para responder à violência com a oração e o jejum. Além do dia de jejum pela paz, que viveremos no próximo 2 de março, continuemos implorando a Deus, muitas vezes ao dia, com confiança de filhos, o dom da paz. A oração e a experiência do jejum nos aproximam das pessoas que estão sofrendo privações e angústia, e cujo futuro se faz incerto.

“Bem-aventurados os pacíficos, porque serão chamados filhos de Deus” (Mt 5, 9). É normal que sintamos impotência para modificar o rumo da história. Mas apoiemo-nos na força da oração. Sem o Senhor, todos os esforços para pacificar os corações são insuficientes. Ao mesmo tempo, pensemos que a paz é uma tarefa contínua: ser protagonistas desta bem-aventurança implica operar e promover a paz na própria família, no trabalho, na vida social, pois Deus deseja que cada um de nós seja guardião de nossos irmãos e irmãs (cfr. Gen. 4, 9).

Tenhamos muito presentes a todos os que sofrem, especialmente na santa Missa e em nossa oração à Santa Maria, Rainha da Paz,

Com a minha benção mais carinhosa,

o Padre,

Fernando Ocáriz

Roma, 26 de fevereiro de 2022.

14. CARTA SOBRE A FIDELIDADE

(19-3-2022)

Queridíssimos: que Jesus guarde as minhas filhas e os meus filhos!

Fiéis, vale a pena!

1. Com esta expressão familiar que inspirou uma antiga canção, São Josemaria nos animava a ser muito fiéis. Recordo frequentemente que no dia 23 de agosto de 1963, em um curso de verão em Pamplona, durante uma tertúlia com nosso Padre, cantamos essa canção. Alguns de nós notamos que, enquanto nos ouvia cantar essas palavras, nosso Padre repetia em voz baixa “vale a pena, vale a pena”; entendemos isto como uma expressão espontânea da sua experiência viva. Levar a Obra para frente tinha valido a pena: tanto trabalho, tanto sofrimento, tantas dificuldades e, ao mesmo tempo, tanta alegria. A fidelidade é necessariamente alegre, mesmo com dor; com uma alegria no Senhor, que é a nossa fortaleza (cfr. Ne 8, 10).

Fidelidade é um conceito amplo, com diversos significados: “Exatidão ou veracidade na realização de algo”, “cópia exata de um texto”, “cumprimento exato de um dever, de uma promessa” etc. Especialmente relevante é considerar a fidelidade na relação entre pessoas, em seu aspecto mais profundo do ponto de vista humano: o amor. “A fidelidade ao longo do tempo é o nome do amor”[1]. O amor autêntico, em si, é definitivo, é fiel, embora possa falhar por causa da debilidade humana.

A fidelidade abarca todas as dimensões da nossa vida, pois implica a pessoa em sua integridade: inteligência, vontade, sentimentos, relações e memória. Com estas breves páginas, no marco do centenário da fundação da Obra, que se

aproxima, gostaria que nos detivéssemos para meditar alguns aspectos, poucos, guiados sobretudo por textos de São Josemaria.

Fidelidade à vocação, fidelidade a Jesus Cristo

2. A vocação cristã, em todas as suas expressões particulares, é uma chamada de Deus à santidade. Chamada do amor de Deus ao nosso amor, em uma relação na qual a fidelidade divina tem sempre a precedência: Deus é fiel (2 Ts 3, 3; 1 Cor 1, 9). “A nossa fidelidade nada mais é do que uma resposta à fidelidade de Deus. Deus, fiel à sua palavra, fiel à sua promessa”[2].

A fé na fidelidade divina fortalece a nossa esperança, apesar da nossa debilidade pessoal levar-nos às vezes a não ser totalmente fiéis, em coisas pequenas e talvez, em algum momento, em grandes. A fidelidade consiste, então, em percorrer – com a graça de Deus – o caminho do filho pródigo (cfr. Lc 15, 11-32). “A fidelidade a Jesus Cristo requer que permaneçamos em constante vigília, porque não é admissível confiar em nossas pobres forças. Devemos lutar sempre, até o último instante de nossa passagem pela terra: este é o nosso destino”[3].

Precisamos procurar perseverantemente a união com o Senhor. Procuramos, e encontramos, esta união com Jesus no trabalho, na família, em tudo...; de modo eminente na Eucaristia, na Penitência e na oração. Não estamos, além disso, sozinhos; contamos também com a ajuda dos outros, especialmente na direção espiritual pessoal. Agradeçamos esta possibilidade, a de abrir nossa alma com sinceridade, para receber alento e conselho no caminho de crescimento em nosso amor a Deus. E onde nosso amor se alimenta, nossa fidelidade se fortalece: “Enamora-te, e não O deixarás”[4].

3. A fidelidade se manifesta especialmente quando implica esforço e sofrimento. Nisto também, o exemplo de nossa Mãe, a Virgem fiel, nos ilumina: “Só se pode chamar fidelidade a uma coerência que dura ao longo de toda a vida. O fiat de Maria na Anunciação chega à sua plenitude no fiat silencioso que repete ao pé da Cruz”[5].

Com a ajuda de Deus, podemos ser fiéis, avançar no caminho da identificação com Jesus Cristo: que os nossos modos de pensar, de querer, de ver as pessoas e o mundo, sejam cada vez mais os d’Ele, mediante um permanente começar e recomeçar, no qual “a consciência da nossa filiação divina dá alegria à nossa conversão”[6]. Será assim, realidade em nossas vidas a exortação de São Paulo aos filipenses: Tende em vós os mesmos sentimentos de Cristo Jesus (Fl 2,5).

4. O encontro e a união com Jesus Cristo realizam-se na Igreja, que é visivelmente Povo composto de muitos povos. Constitutivamente, é Corpo de Cristo e, operativamente, é sacramento: toda a salvação vem de Cristo mediante a Igreja, muito especialmente porque a Igreja *faz a Eucaristia* e a Eucaristia *faz a Igreja*.

O fato, sempre comprovável, de que a Igreja é formada por nós, homens e mulheres fracos, com erros, não deve diminuir o nosso amor a ela. Tenhamos sempre presente que, sobretudo “A Igreja é nem mais nem menos Cristo presente

entre nós, Deus que vem até a humanidade para salvá-la, chamando-nos com a sua Revelação, santificando-nos com a sua graça, sustentando-nos com a sua ajuda constante, nos pequenos e nos grandes combates da vida diária”[7].

A fidelidade a Cristo é, portanto, fidelidade à Igreja. E, na Igreja, procuramos viver e fomentar a união com todos, particularmente com os Bispos e, de modo especial com o Romano Pontífice, princípio visível de unidade de fé e de comunhão. Mantenhamos sempre vivo em nós aquele desejo do nosso Padre: “*Omnes cum Petro ad Iesum per Mariam!*”.

A fidelidade a Jesus Cristo e à Igreja implica para nós a fidelidade à nossa vocação ao Opus Dei, vivendo o espírito que recebemos de São Josemaria, que foi e é verdadeiramente nosso Padre na Obra. Assim o expressava ele em uma antiga carta dirigida a todos os seus filhos: “Não posso deixar de levantar a minha alma agradecida ao Senhor, de quem procede toda família no céu e na terra (Ef. 3, 15-16), por ter me dado esta paternidade espiritual, que, com a sua graça, assumi com a plena consciência de estar na terra apenas para realizá-la. Por isso, amo-os com coração de pai e de mãe”[8]. Ser filhas e filhos fiéis de São Josemaria constitui nosso caminho vocacional para ser filhas e filhos fiéis de Deus em Cristo.

Vocês se recordam certamente destas outras palavras do nosso Padre: “A chamada divina requer de nós fidelidade intangível, firme, virginal, alegre, indiscutida à fé, à pureza e ao caminho”[9]. Detenho-me agora apenas em sublinhar a alegria. Uma fidelidade que é livre correspondência à graça de Deus, vivida com alegria e também com bom humor. Como nos ajuda recordar estas outras palavras suas: “No terreno humano, quero deixar-vos em herança o amor à liberdade e o bom humor”[10].

5. Ao considerar a fidelidade na Obra, como não pensar no Bem-Aventurado Álvaro? Recordo que no dia 19 de fevereiro de 1974, com Dom Álvaro ausente, São Josemaria comentava sobre ele: “Gostaria que o imitassem em muitas coisas, mas sobretudo na lealdade (...). Manteve sempre um sorriso e uma fidelidade incomparáveis”[11]. Frequentemente me detenho nas palavras bíblicas *vir fidelis multum laudabitur* (Pr 28, 20: Aquele que é fiel será muito louvado), gravadas no dintel de uma porta na Villa Vecchia, que conduz precisamente ao escritório que dom Álvaro utilizou durante muitos anos.

Também elevo minha alma ao Senhor em agradecimento pela fidelidade de tantas mulheres e de tantos homens que nos precederam no caminho e nos deixaram um testemunho precioso desse *vale a pena*, evocado no início destas páginas.

Nosso Padre dizia que toda pessoa que tenha contato com a Obra, mesmo que seja por pouco tempo, terá sempre o nosso carinho. Aplicava isto mais ainda àqueles que fizeram parte da Obra durante um tempo e depois empreenderam outros caminhos; e pedimos perdão de todo coração aos que alguma vez se sentiram feridos.

Fidelidade apostólica

6. A vocação cristã para a santidade, para a identificação com Jesus Cristo, é – em todas as suas formas, de um modo ou de outro – vocação apostólica. “Não se pode dissociar a vida interior do apostolado, como não é possível separar em Cristo o seu ser de Deus-Homem da sua função de Redentor”[12].

Em todas as épocas – nós o vemos de modo impressionante na nossa – há no mundo uma sede imensa – tantas vezes inconsciente – de Deus. Realizam-se sempre de novo aquelas palavras proféticas: Dias hão de vir – oráculo do Senhor Deus – quando hei de mandar à terra uma fome, que não será fome de pão nem sede de água, e sim de ouvir a Palavra do Senhor. (Am 8, 11).

Quantas vezes teremos meditado naquela vibrante exortação de São Josemaria: “Caríssimos: Jesus nos urge. Quer ser elevado de novo, não na Cruz, mas na glória de todas as atividades humanas, para atrair a si todas as coisas (Jo 12, 32)”[13].

Ao experimentar as dificuldades que a vida cristã encontra neste mundo – ateísmo, indiferença, relativismo, naturalismo materialista, hedonismo etc. – vem talvez à memória a afirmação de São João: Não ameis o mundo nem as coisas do mundo (1 Jo 2, 15) fazendo referência ao que se opõe a Deus no mundo, e que é resumido na tríplice concupiscência (cfr 1 Jo 2, 16). Ao mesmo tempo, porém, o mundo, criatura de Deus, é bom: De tal modo Deus amou o mundo, que lhe deu o seu Filho único, para que todo o que nele crer não pereça, mas tenha a vida eterna (Jo 3, 16).

7. Como nosso Padre, procuremos “amar o mundo apaixonadamente”[14], pois é o âmbito do nosso encontro com Deus e o caminho para a vida eterna. Um amor que exclui o mundanismo: somos do mundo, mas não queremos ser mundanos; vivendo também, por exemplo, o espírito e a realidade prática da pobreza, que nos libera de tantos laços e, com sentido positivo, nos faz ouvir São Paulo que garante: Tudo é vosso! Mas vós sois de Cristo, e Cristo é de Deus (1 Cor 3,22-23). O testemunho de vidas sóbrias e austeras é – hoje e sempre – um modo de ser sal e luz neste mundo que devemos transformar com o amor de Cristo.

Diante desta realidade – tudo é vosso – alegramo-nos com as alegrias dos outros, desfrutamos de todas as coisas boas à nossa volta e nos sentimos interpelados pelos desafios do nosso tempo. Sentimos, ao mesmo tempo, muito dentro da alma a situação do mundo, em particular a triste realidade da guerra, e de outras situações de grandes necessidades e sofrimentos de muitas pessoas, especialmente das mais frágeis. Não admitamos, porém, insisto, o pessimismo; atualizemos, pelo contrário, a fé na vitalidade do Evangelho – pois ele é uma força vinda de Deus para a salvação de todo o que crê (Rm 1,16) – e a fé nos meios: oração, mortificação, Eucaristia(!), e trabalho. Manteremos, então, uma visão esperançosa do mundo.

A fé é base da fidelidade. Não confiança vã em nossa capacidade humana, mas, fé em Deus, que é fundamento da esperança (cfr. Hb 11,1). “Deus é o fundamento da esperança; não, porém, qualquer deus, mas o Deus que tem um rosto humano e que nos amou até o extremo, a cada um em particular e à humanidade em seu conjunto”[15].

Ouçamos de novo o nosso Padre: “Se sois fiéis, como fruto da vossa entrega calada e humilde, o Senhor – por vossas mãos – realizará maravilhas. Voltar-se-á a viver aquela passagem de São Lucas: Voltaram alegres os setenta e dois, dizendo: ‘Senhor, até os demônios se nos submetem em teu nome’ (Lc 10,17)”[16].

Fidelidade à vocação e vida diária

8. Na vida de cada um pode haver, de vez em quando, circunstâncias fora do comum, mas sabemos bem que a união com o Senhor e, com Ele, a nossa missão apostólica devem realizar-se fundamentalmente na vida normal: família, trabalho profissional, amizades, deveres sociais...: “É esse o principal lugar do nosso encontro com Deus”[17], recordava dom Javier em um dos seus primeiros escritos.

Encontrar o Senhor em todos os acontecimentos de cada dia implica descobrir o valor do que é pequeno, das coisas pequenas, dos detalhes, nos quais podemos manifestar tantas vezes o amor a Deus e o amor aos outros. O próprio Jesus disse: Aquele que é fiel nas coisas pequenas será também fiel nas coisas grandes. E quem é injusto nas coisas pequenas sê-lo-á também nas grandes (Lc 16,10). Uma fidelidade no pouco que o Senhor premia com a grandeza de sua própria alegria (cfr Mt 25, 21).

A própria experiência pessoal mostra que esta fidelidade no pouco não é insignificante; pelo contrário: “A perseverança nas pequenas coisas, por Amor, é heroísmo”[18]. É o amor que dá o maior valor a toda atividade humana. A fidelidade é fidelidade a um compromisso de amor, e o amor a Deus é o sentido último da liberdade. Tal liberdade de espírito dá a capacidade de amar o que se deve fazer, inclusive quando implica sacrifício e, pode-se experimentar então o que Jesus garante: Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração, e vós encontrareis descanso. Pois o meu jugo é suave e o meu fardo é leve (Mt 11, 29-30). E Santo Agostinho explica: “Naquilo que se ama, ou não se sente a dificuldade ou se ama a própria dificuldade (...). Os trabalhos dos que amam nunca são penosos”[19].

9. Sabemos bem que encontrar a Deus, amar a Deus, é inseparável de amar, de servir aos outros; que os dois preceitos da caridade são inseparáveis. Com o nosso amor fraterno, que é sinal certo de vida sobrenatural, construímos a nossa fidelidade e tornamos mais alegre a fidelidade dos outros: Nós sabemos que fomos trasladados da morte para a vida, porque amamos nossos irmãos (1 Jo 3, 14). Com que força São Josemaria nos anima a viver a fraternidade: “Coração, meus filhos, ponde o coração em servir uns aos outros. Quando o carinho passa

pelo Coração Sacratíssimo de Jesus e pelo Dulcíssimo Coração de Maria, a caridade fraterna é exercitada com toda a sua força humana e divina. Anima a suportar a carga, alivia pesos, garante a alegria na luta. Não é algo pegajoso, é algo que fortalece as asas da alma para elevar-se mais; a caridade fraterna, que não procura o seu próprio interesse, permite voar rumo ao Senhor com um espírito de sacrifício gozoso”[20].

Observando o lugar que o trabalho ocupa em nossa vida diária, poderíamos considerar – e examinar-nos pessoalmente – sobre tantos aspectos que estão contidos naquele “santificar o trabalho, santificar-se no trabalho, santificar com o trabalho”[21]. Gostaria agora de convidá-los a meditar como converter melhor o trabalho em oração, o que não consiste apenas em viver algum detalhe de piedade enquanto trabalhamos. Nosso Padre explicou de tantos modos: “Realizai, pois, vosso trabalho sabendo que Deus o contempla: *Laborem manuum mearum respexit Deus* (Gn 31,42). O nosso trabalho deve ser, por conseguinte, santo e digno d’Ele: não somente acabado até o detalhe, mas levado a cabo com retidão moral, com honradez, com nobreza, com lealdade, com justiça. Deste modo, o vosso trabalho profissional não só será reto e santo, mas também por este título será oração”[22].

Experimentamos também no trabalho, frequentemente, os nossos limites e defeitos; se apesar de tudo, porém, esforçamo-nos em “saber que Deus nos contempla”, poderemos ouvir dirigidas a nós aquelas palavras de São Paulo: Sabeis que o vosso trabalho no Senhor não é em vão (1 Cor 15,58); “nada se perde”, como resumia nosso Padre.

O que é permanente e o que é mutável na vida da Obra

10. A fidelidade pessoal à própria vocação na Obra está necessariamente relacionada com a fidelidade institucional, quer dizer, com a permanência da Obra como instituição, em fidelidade à vontade de Deus para ela, como o fundador transmitiu.

Em 2016, dom Javier nos recordou estas palavras de São Josemaria: “Assim como a identidade da pessoa permanece ao longo das diversas etapas do crescimento: infância, adolescência, maturidade...; assim também há evolução no nosso desenvolvimento: senão, seríamos coisa morta. Permanece inamovível o miolo, a essência, o espírito, mas evoluem os modos de dizer e de fazer, sempre velhos e novos, sempre santos”[23].

Comentando este texto, considerarei então que é, sobretudo, no âmbito do apostolado pessoal – que é o principal na Obra – e no de orientar com sentido cristão as profissões, as instituições e as estruturas humanas, que procuramos ter iniciativa e criatividade, para construirmos uma sincera amizade com muitas pessoas e levar a luz do Evangelho à sociedade. Essa mesma iniciativa e criatividade leva também a procurar novas atividades apostólicas, dentro do mar sem margens que o espírito da Obra apresenta.

11. Esta criatividade pode ser considerada como uma versão do que, às vezes se chama *fidelidade dinâmica*, ou também *fidelidade criativa*. Uma fidelidade que exclui tanto o que seria um anseio superficial de mudanças como uma atitude *a priori* contrária a tudo o que possa ser ou parecer uma certa novidade. “Por esta nossa vocação, estamos presentes na própria origem das retas mudanças que ocorrem na sociedade, e fazemos também nossos os progressos de qualquer época”[24]. Devemos, por isso, compreender e compartilhar os anseios do nosso tempo e, ao mesmo tempo, não pretender adaptar-nos a qualquer moda ou costume, por muito atual e estendido que esteja, se for contrário ao espírito que Deus nos transmitiu através do nosso fundador, também por serem inadequados ao tom humano e ao ar de família próprio da Obra. Neste sentido, “não haverá jamais a necessidade de adaptar-se ao mundo, porque somos do mundo; nem teremos que ir atrás do progresso humano porque somos nós – são vocês, meus filhos – junto aos outros homens que vivem no mundo, que promovem este progresso com o seu trabalho cotidiano”[25].

Convém também ter em conta que, diante de determinações estabelecidas para toda Obra (por exemplo, relativas aos meios de formação espiritual: círculos, meditações, recolhimentos etc.) é lógico que o discernimento sobre a oportunidade de possíveis mudanças corresponda, em última instância, ao Padre com o Conselho Geral e a Assessoria Central. Por outro lado, não qualquer mudanças nesse nível é indiferentes com relação ao espírito, e devem ser estudadas com prudência. Da parte de vocês, não hesitem em propor projetos apostólicos àqueles que dirigem o apostolado, com espírito de iniciativa e de unidade também – sem deixar de remar juntos – com o desejo de levar a muitas pessoas a alegria do Evangelho. De qualquer forma, estejamos certos de que “não estamos sozinhos para fazer a Obra, nem contamos unicamente com nossas pobres forças, mas, com a força e o poder do Senhor”[26].

12. Com a nossa fidelidade pessoal e a responsabilidade de todos em manter a fidelidade institucional, apesar das nossas limitações pessoais, poderemos, com a graça de Deus, construir, através dos variáveis momentos históricos, a continuidade da Obra em fidelidade à sua origem. Trata-se da continuidade essencial entre passado, presente e futuro, própria de uma realidade viva. Dom Javier nos animava, em 2015, a pedir a São Josemaria que a Obra chegasse ao dia 2 de outubro de 2028 com a mesma pujança e frescor de espírito que o nosso Padre tinha em 2 de outubro de 1928.

Poderá assim tornar-se realidade, pela misericórdia de Deus, aquilo que São Josemaria via: “Vejo a Obra projetada nos séculos, sempre jovem, garbosa, bonita e fecunda, defendendo a paz de Cristo, para que todo o mundo a possua. Contribuiremos para que na sociedade sejam reconhecidos os direitos da pessoa humana, da família, da Igreja. O nosso trabalho fará que diminuam os ódios fratricidas e as suspicácias entre os povos, e as minhas filhas e os meus filhos – *fortes in fide* (I Pe 5, 9), firmes na fé – saberão ungir todas as feridas com a Caridade de Cristo, que é bálsamo suavíssimo”[27].

Confiando à nossa Mãe Santa Maria, Virgem fiel e a São José, a permanente renovação da nossa fidelidade, com todo carinho os abençoa,

o Padre, Fernando

- [1] BENTO XVI, Discurso, 12/05/2010.
- [2] FRANCISCO, Homilia, 15/04/2020.
- [3] *Carta 28/03/1973*, n. 9.
- [4] *Caminho*, n. 999
- [5] SÃO JOÃO PAULO II, Homilia, 26/01/1979.
- [6] *É Cristo que passa*, n. 64.
- [7] *É Cristo que passa*, n. 131.
- [8] *Carta 6/05/1945*, n. 23
- [9] *Carta 24/03/1931*, n. 43.
- [10] *Carta 31/05/1954*, n. 22.
- [11] SÃO JOSEMARIA, Anotações de uma reunião familiar, 19/02/1974.
- [12] *É Cristo que passa*, n. 122.
- [13] *Instrucción*, 1/04/1937, n. 1.
- [14] *Entrevistas*, n. 118.
- [15] BENTO XVI, Encíclica *Spe salvi* n. 31.
- [16] *Carta 24/03/1930*, n. 23.
- [17] JAVIER ECHEVARRÍA, Carta pastoral, 28/11/1995, n. 16.
- [18] *Caminho*, n. 813.
- [19] SANTO AGOSTINHO, *De bono viduitatis*, 21. 26.
- [20] *Carta 14/02/1974*, n. 23.
- [21] *É Cristo que passa*, n. 45.
- [22] *Carta 15-X-1948*, n. 26.
- [23] *Carta 29-IX-1957*, n. 56.
- [24] *Carta 14/02/1950*, n. 21.
- [25] *Carta 9/01/1932*, n. 92.
- [26] JAVIER ECHEVARRÍA, Carta pastoral, 28/11/1995, n. 11.
- [27] *Carta 16/07/1933*, n.26.

15. MENSAGEM POR OCASIÃO DA CONCLUSÃO DO ANO DA FAMÍLIA (14-6-2022)

Queridíssimos: que Jesus guarde as minhas filhas e meus filhos!

No próximo 26 de junho, será concluído o Ano da Família convocado pelo Papa Francisco, que nos convidou a refletir sobre a importância da instituição familiar na Igreja e em toda a sociedade.

A família é o primeiro ambiente onde alguém é consciente de ser amado pelo que é e aprende a amar em relação com o outro. Todas as famílias têm suas fortalezas e suas debilidades, seus momentos bons e suas dificuldades. Mas o Senhor sempre nos chama a olhar para cada um com agradecimento e com amor. Amar os outros tal como são – com suas virtudes e defeitos – nos levará a ter um coração em sintonia com o de Jesus. Como explica são Josemaria: “O coração humano tem um coeficiente de dilatação enorme. Quando ama, alarga-se num crescendo de carinho que ultrapassa todas as barreiras. Se amas o Senhor, não haverá criatura que não encontre lugar em teu coração” (Via Sacra, VIII estação, n. 5).

São muitos os desafios que se apresentam diante daqueles que começam a desenvolver um projeto familiar com sentido cristão. Dentre eles, estão a conciliação dos deveres familiares com o trabalho, as relações sociais, o descanso... Por isso, é muito bom que sejam acompanhados desde o início do caminho matrimonial. Animo vocês a potencializar as atividades e iniciativas nesta linha, sabendo que têm um efeito multiplicador. “Que importante é que os jovens vejam com seus próprios olhos o amor de Cristo vivo e presente no amor dos casais, que testemunham com sua vida concreta que o amor para sempre é possível!” (Francisco, Mensagem em vídeo, 9/06//2021).

Coloquemos nas mãos de Jesus, Maria e José os frutos deste Ano da Família que termina agora; pedimos a eles que todos os lares cristãos sejam reflexo da casa de Nazaré.

Com todo carinho, abençoa-os

o Padre,

Fernando

16. CONGRESSO GERAL EXTRAORDINÁRIO (17-4-2023)

Queridíssimos: que Jesus guarde as minhas filhas e meus filhos!

Como já comuniquei a vocês, no Conselho Geral e na Assessoria Central, estamos estudando como proceder para realizar o que o Papa nos pediu sobre a adequação dos Estatutos da Obra às indicações do Motu proprio *Ad charisma tuendum*.

No Dicastério para o Clero nos aconselharam a não nos limitarmos ao que se refere à dependência da Prelazia deste Dicastério e à mudança da frequência do informe à Santa Sé sobre as atividades da Prelazia (de quinquenal a anual), mas que proponhamos outras possíveis adaptações aos Estatutos, que nos pareçam convenientes à luz do Motu proprio. Também nos aconselharam a dedicarmos, sem pressa, todo o tempo que for necessário.

Como se trata de uma iniciativa da Santa Sé, não é preciso realizarmos Congressos Gerais previstos para introduzir mudanças nos Estatutos (cfr. n. 181, § 3). Porém, com o parecer favorável da Assessoria Central e do Conselho Geral, convocarei um Congresso Geral Extraordinário com essa precisa e limitada finalidade, que será no primeiro semestre de 2023.

Para preparar esse trabalho dos congressistas, interessa contar, com a suficiente antecedência, com a ajuda de todos que desejarem enviar sugestões concretas. Em breve, vão chegar as orientações sobre o modo e o tempo deste envio, para facilitar o seu estudo.

Tenham em conta que se trata de cumprir o que a Santa Sé indicou, não de propor qualquer mudança que nos possa parecer interessante. Junto ao desejo de ser fiéis à herança do nosso fundador, é importante considerar o bem geral que supõe a estabilidade jurídica das instituições.

Naturalmente, o texto do Motu proprio pode suscitar outras sugestões, além do que se refere aos Estatutos, para dar um novo impulso aos labores apostólicos. Serão pedidas a vocês mais adiante, quando forem convocadas as futuras Semanas de trabalho.

Coloquemos tudo isso sob a intercessão de São Josemaria, hoje que comemoramos o vigésimo aniversário da sua canonização. Peçamos ao Senhor que

frutifique com força renovada na vida de cada um – como nos urgiu o Papa Francisco – o carisma que Deus confiou ao nosso Padre a serviço da Igreja.

Com a minha bênção mais carinhosa,

O Padre,

Fernando

17. CARTA SOBRE A FRATERNIDADE

(18-2-2023)

Queridíssimos: que Jesus guarde as minhas filhas e os meus filhos!

1. Com esta carta, quero convidá-los a considerar comigo alguns aspectos contidos nas palavras do Senhor, tantas vezes meditadas: “Este é o meu mandamento: que vos ameis uns aos outros como Eu vos amei” (Jo 15, 12).

Jesus amou-nos até o fim, ao ponto de dar a sua vida por todos e por cada um. Sabemos e queremos acreditar nisso com uma fé mais viva e operativa, que pedimos a Ele, como os apóstolos: “Aumentai a nossa fé” (Lc 17, 5). Deste modo, poderemos dizer com São João, plenamente convencidos: “conhecemos o amor que Deus tem por nós e confiamos plenamente nesse amor” (1 Jo 4, 16).

“Deus é amor” (1 Jo 4, 8), e chama-nos ao amor: “esta é a nossa vocação mais sublime, a nossa vocação por excelência; e a ela está vinculado também o júbilo da esperança cristã. Quem ama tem a alegria da esperança, de chegar a encontrar o grande amor que é o Senhor”

O nosso amor a Deus – caridade sobrenatural – é correspondência a esse amor divino por cada um de nós, que o próprio Senhor nos oferece como modelo e horizonte do nosso amor pelos outros. O amor a Deus e o amor ao próximo estão tão unidos que, “em um ato qualquer de fraternidade, muitas vezes, a cabeça e o coração não conseguem distinguir se é serviço a Deus ou serviço aos irmãos: porque, no segundo caso, o que fazemos é servir a Deus duas vezes”[2].

2. O amor ao próximo é tão decisivo na nossa vida, que “sabemos que passamos da morte para a vida, porque amamos os irmãos” (1 Jo 3, 14). A caridade se desenvolve em inúmeros aspectos e chega ao mundo inteiro. Ninguém pode ser indiferente para nós, porque “cada um de nós é fruto de um pensamento de Deus. Cada um de nós é querido, cada um é amado, cada um é necessário”[3].

Com estas linhas, gostaria que refletíssemos sobre algumas atitudes e manifestações de particular relevância nas quais se exprime a fraternidade. De certo modo, elas se resumem nestas palavras de São Josemaria: “Com quanta

insistência pregava o Apóstolo São João o *mandatum novum!* – Que vos ameis uns aos outros! – Eu me poria de joelhos, sem fazer teatro – assim me grita o coração –, para vos pedir por amor de Deus que vos ameis, que vos ajudeis, que estendais a mão uns aos outros, que saibais perdoar-vos”[4].

Amplitude da compreensão

3. A palavra compreensão, no contexto das relações pessoais, às vezes poderia evocar apenas um dos seus aspectos: o de não se surpreender com os defeitos e as faltas dos outros. No entanto, nesse caso, não se entenderia totalmente aquele ponto de Caminho: “Mais do que em "dar", a caridade está em "compreender””[5].

A compreensão que é fruto da caridade, do amor, “compreende”: “vê”, em primeiro lugar, não os defeitos ou as faltas, mas as virtudes e qualidades dos outros. Lembro-me de uma meditação pregada por Dom Javier em 26 de agosto de 1999, durante um curso de verão em Olbeira (uma casa de retiros na Galícia, Espanha): ele nos exortava com força e carinho a “não ver as pessoas através de seus defeitos, mas através de suas virtudes”. O amor nos faz ver, com alegria, as coisas positivas dos outros. “Devemos regozijar-nos na prosperidade do nosso próximo, como na nossa”[6]; isso é o oposto de olhar para os outros com inveja, aquele pecado obscuro, que nos faz sentir tristeza pelo bem alheio.

Por outro lado, cada pessoa sempre vale mais do que podemos ver com o conhecimento habitual. De certo modo, acontece com frequência o que lemos na Escritura, quando a Carta aos Hebreus nos exorta a não esquecer a hospitalidade: graças a ela, “mesmo sem perceber, alguns acolheram anjos” (Hb 13, 2).

4. A compreensão que nasce do amor permite-nos também ver os defeitos e as faltas dos outros. Assim compreendemos a pessoa, tanto no que é positivo como no que é negativo. E podemos ter certeza – o amor vê isso, porque é muito sábio – de que o positivo é muito superior ao negativo. Em qualquer caso, o negativo não é motivo de separação, mas de oração e ajuda; se possível, de mais carinho; e, se necessário, de correção fraterna.

Nosso Padre nos insistiu de muitas maneiras nesta manifestação, às vezes heroica, da caridade: “Praticai a correção fraterna, *ne sit populus Domini sicut oves absque pastore* (Nm 27, 17), para que esta Família sobrenatural, que é a Obra de Deus, não apareça como um conjunto de ovelhas sem pastor. Sempre ensinei, filhas e filhos meus, que na Obra cada um deve ser pastor e ovelha”[7].

5. Todos somos fracos e não podemos nos surpreender quando temos reações de contrariedade ou incompreensão em relação a outras pessoas. Mas não devemos aceitar tais reações justificando-as; pelo contrário, serão momentos para pedir perdão ao Senhor e para lhe implorar que aumente a nossa capacidade de amar, que nos dê mais dessa compreensão que é fruto do amor. E assim, sem desanimar com a nossa fraqueza, pediremos ajuda a Deus, para que possamos finalmente dizer-lhe, cheios de gratidão: “Dilataste o meu coração” (Sl 119, 32).

É importante, por exemplo, que nos esforcemos para dominar e mitigar a impaciência que poderia surgir espontaneamente diante de defeitos reais ou não tão reais dos outros (às vezes, o defeito pode estar mais em nosso olhar). Essas impaciências podem levar à falta de compreensão e, portanto, à falta de caridade. São fortes aquelas antigas palavras de São Cipriano de Cartago: “A caridade é o vínculo que une os irmãos, o fundamento da paz, a trama que dá firmeza à unidade; ela é superior à esperança e à fé, supera a esmola e o martírio; aquela que ficará conosco para sempre no céu. Tire dela, no entanto, a paciência, e ela ficará devastada”[8].

6. A compreensão, fruto do amor fraterno, leva também a evitar discriminações nas relações com os outros, que poderiam surgir ao constatarmos as diferenças. Na realidade, muitas vezes a diversidade é uma riqueza de personalidades, sensibilidades, hobbies etc. É assim que o nosso Padre nos explica: “Deveis também praticar constantemente uma fraternidade que esteja acima de toda simpatia ou antipatia natural, amando-vos uns aos outros como verdadeiros irmãos, com o tratamento e a compreensão próprios daqueles que formam uma família bem unida”[9].

Juntamente com o esforço para amar e entender os outros, também é importante que tornemos mais fácil que os outros possam nos amar. Neste sentido, recordo o que já escrevi: “Ganhar mais afabilidade, alegria, paciência, otimismo, delicadeza e todas as virtudes que tornam a convivência amável é importante para que as pessoas possam se sentir acolhidas e felizes”[10]. Desta forma surge um clima de fraternidade no qual cada um fortalece o carinho do outro e, juntos, experimentamos aquele *cem por um* que o Senhor nos prometeu, e caminhamos para a vida eterna (cf. Mt 19, 29).

O Tesouro do Perdão

7. A compreensão tem também uma relação íntima com essa realidade de extraordinária importância que é o perdão: pedir perdão e perdoar. Em abril de 1974, nosso Padre nos disse que “a coisa mais divina da nossa vida como cristãos, como filhos de Deus no Opus Dei, é perdoar aqueles que nos prejudicaram”. E depois acrescentou, com grande simplicidade: “Não precisei aprender a perdoar, porque o Senhor me ensinou a amar”. Entre tantas consequências e manifestações que a filiação divina tem, talvez espontaneamente não tivéssemos pensado em primeiro lugar no perdão. No entanto, entendemos que o nosso ser filhos de Deus é o nosso ser Cristo, a nossa identificação com Ele. E Cristo veio a este mundo, o Filho eterno fez-se Homem, precisamente para perdoar. Por esta razão, podemos considerar que “nada nos assemelha tanto a Deus como estar dispostos ao perdão”[11].

Quantas vezes rezamos e meditamos no Pai Nosso! Perdoar os outros é tão decisivo que é uma condição para Deus nos perdoar. Como é bom pedir ao Senhor que nos ensine a perdoar, de verdade e sempre. Mais ainda: tenhamos a santa audácia de pedir que, como o nosso Padre, cheguemos a amar tanto os outros, que não precisemos aprender a perdoar[12]. Seria maravilhoso que desejássemos

chegar a um ponto em que amássemos tanto que nunca nos sentíssemos ofendidos.

8. Tão importante como compreender e perdoar é aprender a pedir perdão, mesmo em conflitos pequenos, do dia a dia. Um gesto sincero de pedir perdão é, muitas vezes, a única maneira de restaurar a harmonia nos relacionamentos, mesmo que pensemos – com mais ou menos razão – que fomos a parte mais ofendida. Não é simplesmente uma justiça estrita, baseada em cálculos teóricos, a que levou o Filho de Deus a pedir perdão ao seu Pai em nosso nome, mas um amor gratuito, que só tem em conta aquilo que pode fazer pelos outros.

Filhas e filhos meus, não pensemos que isso é muito bonito, mas que é muito para a nossa pequenez. Sem dúvida, o objetivo é muito alto. No entanto, com a graça de Deus, podemos ir nos aproximando dele pouco a pouco, se não deixarmos de colocar da nossa parte um esforço espiritual – correspondência de amor ao Amor – que se renova todos os dias.

Espírito de serviço

9. “A maior ambição dos filhos de Deus no seu Opus Dei (...) deve ser sempre servir”[13]. Entendemos bem esta insistência de São Josemaria, quando lemos e meditamos as palavras do Senhor: “O Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir” (Mc 10, 45). “Estou no meio de vós como quem serve” (Lc 22, 27).

O espírito de serviço é uma expressão de amor, do carinho de sentir como muito nossas as necessidades dos outros. Com que força nos explicava o nosso Padre: “Não me importo de repetir isso muitas vezes. De carinho, todas as pessoas necessitam, e nós também necessitamos na Obra. Esforcem-se para que, sem sentimentalismos, sempre aumente o afeto pelos seus irmãos. Qualquer coisa de outro filho meu deve ser – realmente! – muito nossa: no dia em que vivermos como estranhos ou como indiferentes, teremos matado o Opus Dei”[14].

Sem querer, poderíamos viver como estranhos ou indiferentes por nos excedermos em atividades que, na prática, nos impedem de nos conhecermos melhor, de nos relacionarmos, de nos interessarmos positivamente pelos outros. Filhas e filhos meus, vêm à minha cabeça e ao coração aquelas palavras que São Josemaria nos disse com toda a força da sua alma: “Que vocês se amem!”

10. Desejamos servir os outros, sabendo que assim servimos a Jesus Cristo: “Em verdade vos digo: tudo o que fizestes a um destes meus irmãos mais pequeninos, a mim o fizestes” (Mt 25, 40). Por isso, é bom que cada um de nós pense: “Só a minha disponibilidade para ir ao encontro do próximo e demonstrar-lhe amor é que me torna sensível também diante de Deus. Só o serviço ao próximo é que abre os meus olhos para aquilo que Deus faz por mim e para o modo como Ele me ama”[15].

Todos nós temos a experiência de que servir aos outros muitas vezes envolve um certo esforço. “Não pensem (...) que é fácil fazer da vida um serviço. É necessário

traduzir este bom desejo em realidades, porque o Reino de Deus não consiste em palavras, mas na virtude (1 Cor 4, 20), e a prática de uma ajuda constante aos outros não é possível sem sacrifício”[16]. Mas este esforço, realizado por amor, é sempre fonte de alegria; uma alegria que, por outro lado, não pode vir do egoísmo.

O espírito de serviço, em suma, é expressão do amor fraterno, e “o amor fraterno só pode ser gratuito, nunca pode ser um pagamento a outrem pelo que realizou, nem um adiantamento pelo que esperamos que venha a fazer”[17].

Semeadores de paz e alegria

11. Uma manifestação do espírito de serviço, que de alguma forma inclui todas elas, é semear paz e alegria. Uma vez que só podemos dar esta paz e esta alegria se as tivermos, e ambas são um dom de Deus, a melhor maneira de crescer nelas é cuidar com delicadeza dos nossos momentos de intimidade com Deus: os sacramentos e a oração pessoal.

Na vida de cada pessoa não faltam, com maior ou menor frequência, com maior ou menor intensidade, tristezas e sofrimentos que tendem a produzir diversos sentimentos de inquietação e tristeza. São estados mentais que podem aparecer na nossa alma e que podemos e devemos superar, recuperando a alegria mediante a fé no amor que Deus tem, hoje e agora, por cada um de nós (cf. 1 Jo 4, 16).

Precisamos enraizar a nossa alegria, não em nós mesmos, mas no Senhor. Assim, apesar das tristezas, podemos ter a força de ânimo para nos esquecermos mais de nós mesmos e transmitir aos outros aquela alegria que vem de Deus. Leiamos neste sentido, como dirigidas também a nós, estas palavras do Livro de Neemias: “Não se entristeçam, porque a alegria do Senhor vos fortalecerá” (Ne 8, 10).

12. Muitas vezes, nas cartas que me escrevem, vocês dão notícias de situações difíceis pelas quais passam. Gostaria de estar muito próximo de todos e de cada um, acompanhando vocês no cuidado desse filho doente, daquela mãe já muito limitada pela idade, ou em situações que envolvem grandes sofrimentos. Tento levar tudo o que é de vocês no meu coração e na minha Missa diária.

Nestas e em tantas outras circunstâncias, recordemos que o Senhor abençoa com a Cruz e que, como nos assegurou o nosso Padre com abundante experiência, “o autêntico amor traz consigo a alegria: uma alegria que tem as suas raízes em forma de Cruz”[18]. Além disso, com a fraternidade bem vivida, nunca estamos sozinhos: todos juntos – *cor unum et anima una* – carregamos o doce fardo da Cruz do Senhor, com a certeza interior de que, em última instância, o seu jugo é suave e o seu fardo é leve (cf. Mt 11, 30). Neste sentido, muitas vezes teremos lido e meditado, com o desejo sincero de torná-las nossas, aquelas palavras de São Josemaria: “Entregar-se ao serviço das almas, esquecendo-se de si mesmo, é tão eficaz que Deus recompensa com uma humildade cheia de alegria”[19].

Vida em família

13. A grande maioria de vocês não mora em um centro da Obra. No entanto, como escreve o nosso Padre, “todos nós, que pertencemos ao Opus Dei, meus filhos, formamos um só lar: a razão pela qual constituímos uma única família não se baseia na materialidade de vivermos juntos sob o mesmo teto. Como os primeiros cristãos, somos *cor unum et anima una* (At 4, 32) e ninguém na Obra pode sentir jamais a amargura da indiferença”[20].

Para que esta grande maioria da Obra que não mora nos centros – Supernumerários e Adscritos – receba e contribua com o calor de lar do Opus Dei, é necessário que alguns de vocês – as Numerárias e os Numerários – construam também materialmente esse lar nas sedes dos centros, dos quais todos os outros participam de acordo com as circunstâncias de cada um. Certamente, as sedes materiais são muito úteis para ter os meios de formação, para acolher atividades apostólicas etc., embora vocês saibam que todas estas coisas também são feitas quando não há essas sedes, especialmente em lugares onde o trabalho apostólico ainda está muito nos começos.

Naturalmente, às vezes há situações de trabalho, saúde, deveres familiares etc., que aconselham ou até tornam necessário que algumas Numerárias e Numerários não residam nas sedes dos centros, sem que isso diminua sua responsabilidade e dedicação – diferente, mas real – à construção de nosso lar.

14. O normal é que em muitas famílias convivam pessoas de diversas gerações (avós, pais, filhos) e personalidades diferentes, e também são frequentes as famílias com doentes crônicos mais ou menos graves. Se é verdade que tudo isto pode, algumas vezes, fazer com que a unidade familiar se deteriore, também é verdade que, com muita frequência, estas e outras dificuldades podem unir mais as famílias, quando há amor verdadeiro.

Filhas e filhos meus, a Obra é uma família muito grande, na qual há pessoas de diversas idades e personalidades, e também doentes. Graças a Deus, é uma realidade magnífica o cuidado e o carinho com que tentamos cuidar dos doentes em Casa.

15. Em alguns centros há situações que podem ser mais difíceis. Se alguma vez a vida em família cansa, procurem sinceramente a causa deste cansaço para remediá-lo: pensem se se deve apenas à escassez de meios materiais, ou ao esforço natural que pode implicar a dedicação ao cuidado dos outros; ou se também se deve a um esfriamento do carinho. Se este último for o caso, não se surpreendam nem desanimem; encorajo vocês a pedir a Deus, com simplicidade e audácia, que dilate os seus corações, que os ajude a vê-Lo nos outros, para que isto os encha de alegria, como os discípulos quando veem o Senhor ressuscitado: “Quando viram o Senhor, os discípulos alegraram-se” (Jo 20, 20).

Por outro lado, às vezes, por trás de um determinado caráter, há sofrimentos que talvez expliquem esse modo de ser ou agir. Deus conhece cada um profundamente, incluindo as jornadas de sofrimento, e olha para todos nós com ternura. Aprendamos do Senhor a olhar deste modo, a compreender a todos – repito de propósito – a nos colocarmos no lugar do outro. “Quantos temores e quantos perigos pode dissipar o amor verdadeiro entre os irmãos, que não se

exibe – porque então é como se fosse profanado –, mas que resplandece em cada detalhe!”[21].

Não deixemos de agradecer ao Senhor pelo lar que nos deu, com essa rica diversidade de personalidades, de situações sociais e de culturas. E, ao mesmo tempo, sintamos a responsabilidade de manter nele um tom, um ambiente também caracterizado por “uma extrema delicadeza no tratamento mútuo”[22].

Na Igreja e no mundo

16. O cuidado da fraternidade é uma manifestação de que a Obra, como parte da Igreja, é a família de Deus. Se procurarmos amar-nos uns aos outros, compreender-nos, perdoar-nos, servir-nos, contribuiremos também muito diretamente, pela comunhão dos santos, para a unidade de todos os cristãos e de toda a humanidade. São Josemaria dizia que “o principal apostolado que nós, os cristãos, temos de realizar no mundo, o melhor testemunho de fé, é contribuir para que dentro da Igreja se respire o clima da autêntica caridade. Quando não nos amamos de verdade, quando há ataques, calúnias e rixas, quem se sentirá atraído pelos que se apresentam como mensageiros da Boa Nova do Evangelho?”[23]. Peço ao Senhor que sejamos sempre instrumentos de unidade nas nossas próprias casas, na Obra, na Igreja e em toda a sociedade.

O cuidado da fraternidade também trará luz e calor ao nosso mundo, que muitas vezes está nas trevas, ou que sofre o frio da indiferença. Nossos lares – os dos Adscritos, os dos Supernumerários e os centros da Obra – devem ser “luminosos e alegres”. Lares abertos, dos quais muitas pessoas podem participar, também aquelas que talvez não tenham esse calor de lar. O testemunho de uma família cristã que procura estar unida, de modo que, mesmo com as suas limitações pessoais, cada um mantém a disposição de perdoar, de amar, de servir, será um ponto de referência para muitos. Como acima de tudo foi, é, e sempre será, o lar de Nazaré. Não esqueçamos o que nos disse São Josemaria: “Nós pertencemos àquela família”.

A fraternidade bem vivida é um apostolado direto: muitas pessoas verão o carinho que temos uns pelos outros e poderão exclamar, como fizeram com os primeiros cristãos: “Vede como se amam”[24]; eles serão atraídos por aquele amor cristão, por aquela “caridade que é uma certa participação no amor infinito, que é o Espírito Santo”[25].

* * *

17. Termino relendo com vocês estas outras palavras do nosso Padre: “Coração, meus filhos, ponham o coração em servir uns aos outros. Quando o carinho passa pelo Coração Sacratíssimo de Jesus e pelo Dulcíssimo Coração de Maria, a caridade fraterna é exercitada com toda a sua força humana e divina. Anima a suportar a carga, alivia pesos, garante a alegria na luta. Não é algo pegajoso, é algo que fortalece as asas da alma para elevar-se mais; a caridade fraterna, que não procura o seu próprio interesse (cf. 1 Cor 13, 5), permite voar rumo ao Senhor com um espírito de sacrifício jubiloso”[26].

Com a minha benção mais carinhosa,

O Padre,

Fernando

Roma, 16 de fevereiro de 2023

[1] Francisco, *Audiência*, 15 de março de 2017.

[2] São Josemaria, *Instruções*, Maio de 1935 – Setembro de 1950, n. 75. Doravante, os textos em que o autor não foi citado são de São Josemaria.

[3] Bento XVI, Homilia, 24 de Abril de 2005.

[4] *Forja*, n. 454.

[5] *Caminho*, n. 463.

[6] São Gregório Magno, *Homiliæ in Evangelia*, 5, 3: PL 76, 1094 B.

[7] *Carta 15*, n. 169.

[8] São Cipriano, *De bono patientiæ*, n. 15: PL 4, 631 C.

[9] *Carta 30*, n. 28.

[10] Carta pastoral, 1/11/2019, n. 9.

[11] São João Crisóstomo, *Comment. in Matthæum*, Homilia XIX, n. 7: PG 57, 283.

[12] Cfr. *Sulco*, n. 804.

[13] *Carta 15*, n. 38.

[14] AGP, biblioteca, P01.

[15] Bento XVI, Enc. *Deus caritas est*, n. 18.

[16] *Carta 8*, n. 4.

[17] Francisco, Enc. *Laudato si'*, n. 228.

[18] *Forja*, n. 28.

[19] *Carta 2*, n. 15.

[20] *Carta 11*, n. 23.

[21] *Sulco*, n. 767.

[22] *Instruções*, 1-IV-1934, n. 63.

[23] *Amigos de Deus*, n. 226.

[24] Tertuliano, *Apologeticum*, 39: PL 1, 471.

[25] Santo Tomás de Aquino, *Summa theologiae*, II-II, q. 24, a. 7 c.

[26] *Carta 14-II-1974*, n. 23.

18. MENSAGEM POR OCASIÃO DA CONCLUSÃO DO CONGRESSO EXTRAORDINÁRIO

(17-4-2023)

Queridíssimos: que Jesus guarde as minhas filhas e os meus filhos!

O Congresso Geral Extraordinário acaba de terminar e desejo escrever umas palavras para agradecer mais uma vez as suas orações. Foram dias em que pedimos de forma especial a ajuda do Espírito Santo. Mais uma vez notamos os laços de filiação e fraternidade que nos unem, assim como o nosso amor à Igreja e ao Santo Padre. Ao mesmo tempo, era fácil agradecer a Deus por tantas iniciativas de evangelização e de serviço a muitas almas em todo o mundo. Como pessoas de tantos países se reuniram em Roma, também era natural ter em mente todo o Opus Dei, todos os cooperadores e amigos, rezar uns pelos outros, e

especialmente por aqueles de vocês que vivem em países castigados pela guerra, ou por diversas formas de pobreza e necessidade.

Durante estes dias, as suas irmãs e irmãos congressistas puderam trabalhar em profundidade sobre as sugestões recebidas de todas as regiões, e agora está se formando a proposta de adaptação dos Estatutos, que responde ao pedido do Papa no *motu proprio Ad charisma tuendum*, e que será submetida à Santa Sé nos próximos meses.

Como disse na mensagem anterior, as sugestões que não eram aplicáveis ao que a Santa Sé estava pedindo agora podem ser estudadas durante as próximas Semanas de Trabalho e em preparação do próximo Congresso Geral Ordinário, que será em 2025. Como também disse, ao contrário de outros congressos onde são estabelecidas algumas prioridades apostólicas, o único objetivo neste caso era preparar a proposta acima referida. Por esta razão, o resultado final só será conhecido após consideração pela Santa Sé, que tem a última palavra.

No trabalho destes dias fomos guiados por dois critérios fundamentais: a fidelidade ao carisma que São Josemaria recebeu em 2 de outubro de 1928, e a adesão filial à vontade expressa pelo Santo Padre. Como o Papa pediu no *motu proprio*, procuramos expressar mais claramente a dimensão carismática da Obra (cf. *Ad charisma tuendum* n. 4), que vivemos e realizamos em comunhão com as igrejas particulares e com os bispos que as presidem. A Prelazia do Opus Dei é uma família, fruto de laços de paternidade, filiação e fraternidade.

Estes dias de congresso tiveram como característica um ambiente de serenidade e bom humor, e de participação ativa de todos. Todos puderam se expressar livremente, tanto nos grupos de trabalho quanto nas sessões plenárias. Gostaria também de destacar que, ao estudar as sugestões, houve uma grande concordância entre muitas pessoas de uma grande variedade de origens, educação e cultura. Foi uma manifestação eloquente de unidade em torno do “dom do Espírito recebido por São Josemaria” (*Ad charisma tuendum*, preâmbulo).

Com a alegria da Páscoa, e com todo o meu carinho, envio a minha benção.

O Padre,

Fernando

DISCURSOS

19. DILATAR O CORAÇÃO

(29-9-2022)

Por ocasião do décimo aniversário de Harambee, dom Javier Echevarría proferiu a conferência O coração cristão, motor do desenvolvimento social[1]. No vigésimo aniversário da mesma iniciativa e no âmbito desta Jornada sobre inovação social, gostaria de continuar as reflexões do meu antecessor. Tendo em conta a doutrina social da Igreja e a mensagem de São Josemaria, vou me concentrar na dimensão social da vocação cristã.

Faz dez anos, dom Javier nos lembrava que o diálogo entre Jesus e um doutor da Lei expressa que o amor a Deus é inseparável do amor aos outros: “quando um doutor da lei lhe perguntou qual era o primeiro mandamento, o Senhor não se limitou a indicar que o amor a Deus é o maior e o primeiro mandamento, antes acrescentou a necessidade de amar o próximo como mandamento incluído no primeiro (Mt 22,35-39)”[2].

É importante ter em mente a dimensão relacional da pessoa. Bento XVI, na encíclica *Caritas in veritate*, afirma que “de natureza espiritual, a criatura humana realiza-se nas relações interpessoais: quanto mais as vive de forma autêntica, tanto mais amadurece a própria identidade pessoal”. Essa realidade “obriga a um aprofundamento crítico e axiológico da categoria da relação (...)” e ajuda a “ver lucidamente a dignidade transcendente do homem”[3].

Vocês, com formas e perspectivas muito diversas, se dedicam profissionalmente a cuidar e dignificar as pessoas, principalmente as mais necessitadas. Sabem por experiência que, embora sejam necessárias instituições

e estruturas, para alcançar um verdadeiro desenvolvimento integral, é preciso também o encontro entre pessoas, criar os contextos e as condições para que o desenvolvimento possa ocorrer, para que a pessoa tenha a oportunidade de melhorar em todas as suas dimensões. Como discípulos de Jesus Cristo, somos chamados por um novo título – o de cristãos – a cuidar das pessoas, a cuidar do mundo.

O que vemos no mundo? Juntamente com as novas possibilidades de promoção humana oferecidas pelos avanços em saúde, tecnologia, comunicações e tantos exemplos inspiradores, vêm à tona as injustiças e feridas pelas quais a humanidade sangra. “No mundo atual, a pobreza apresenta muitos rostos diferentes: doentes e idosos que são tratados com indiferença, a solidão que experimentam muitas pessoas abandonadas, o drama dos refugiados, a miséria em que vive boa parte da humanidade como consequência, muitas vezes, de injustiças que clamam ao Céu”[4].

Como também dizia numa carta de 2017: “Nada disto pode ser indiferente para nós”, todos somos chamados a “colocar em movimento a ‘imaginação da caridade’, para levar o bálsamo da ternura de Deus a todos os nossos irmãos que passam necessidade”[5].

Quando os seres humanos ignoram ou desconsideram a sua condição de filhos de Deus, todas as suas relações são afetadas: consigo mesmo, com os outros e com a criação. Como disse o Papa Francisco, a interdependência se transforma em dependências, “perdemos esta harmonia da interdependência na solidariedade”[6].

Somos corresponsáveis por cuidar do mundo, estabelecendo relações baseadas na caridade, na justiça e no respeito, sobretudo superando a doença da indiferença. São João Paulo II escreveu: “Sim, todo o homem é ‘guarda do seu irmão’, porque Deus confia o homem ao homem”[7].

Boa parte das iniciativas que vocês representam foram inspiradas por São Josemaria. E muitos de vocês, com base na mesma inspiração, trabalham em organizações de diferentes estilos e orientações porque se sentiram impelidos a “fazer alguma coisa”, a não ficar de braços cruzados.

Está no núcleo do espírito do Opus Dei converter as realidades cotidianas em um lugar de encontro com Deus e serviço aos outros; a aspiração de pessoas maduras, sensíveis aos outros e profissionalmente competentes, que procuram fazer do mundo um lugar mais justo e fraterno. “Amar o mundo apaixonadamente” implica conhecê-lo, cuidar dele e servi-lo.

São Josemaria resumia a atitude em relação às necessidades sociais em uma carta publicada nos anos 1950: “um cristão não pode ser individualista, não pode se desentender dos demais, não pode viver egoistamente, de costas para o mundo: é essencialmente social, membro responsável do Corpo Místico de Cristo”[8].

Guiado pela mão do fundador do Opus Dei, nesta sessão me deterei em quatro dimensões: a espiritual, a profissional, a pessoal e a coletiva.

A dimensão espiritual

Poderia parecer utópico pensar que somos capazes de fazer algo para aliviar o sofrimento da humanidade. No entanto, sabemos que é Jesus quem carrega a dor humana. As chagas no seu lado aberto, nas suas mãos e em seus pés lembram as chagas do mundo. E Jesus nos disse: “todas as vezes que fizestes isso a um dos menores de meus irmãos, foi a mim que o fizestes”[9].

O caminho de identificação com Cristo transforma gradualmente o coração humano e o abre à caridade. A união com o Senhor, nos sacramentos e na oração, leva a descobrir o próximo e suas necessidades e a dar menos atenção a si mesmo. A caridade muda o olhar. “A caridade de Cristo não é apenas um bom sentimento em relação ao próximo: não se detém no gosto pela filantropia. A caridade, infundida por Deus na alma, transforma por dentro a inteligência e a vontade; dá base sobrenatural à amizade e à alegria de fazer o bem”[10].

Há algum tempo, numa carta, convidava-os a pedir ao Senhor que dilate os nossos corações, que nos dê um coração à sua medida “para que todas as necessidades, dores e sofrimentos dos homens e mulheres do nosso tempo, especialmente os mais fracos”[11]. Um coração orante, no meio do mundo, que sustenta e acompanha os outros nas suas necessidades.

A identificação com Jesus abre-nos às necessidades dos outros. Ao mesmo tempo, o contato com o necessitado nos leva a Jesus. Por isso, São Josemaria escrevia: “Os pobres – dizia aquele amigo nosso – são o meu melhor livro espiritual e o principal motivo de minhas orações. Doem-me eles, e Cristo me dói com eles. E, porque me dói, compreendo que O amo e que os amo”[12].

Jesus teve predileção pelos pobres e pelos que sofriam, mas também quis ser necessitado e vítima. Na pessoa que sofre, vislumbramos Jesus que nos fala, como nos lembrava o Papa Francisco: “Sabemos aprender com os pobres, encontrar neles o rosto de Cristo e deixar-nos evangelizar por eles?”[13]. Desde a Igreja primitiva se compreendeu que a mensagem evangélica passava pela solicitude pelos pobres e que é um sinal reconhecível da identidade cristã e um elemento de credibilidade[14].

A dimensão profissional

Desejamos colocar Cristo no coração de todas as atividades humanas, santificando o trabalho profissional e os deveres cotidianos do cristão. Essa missão se desenvolve no meio da rua, na sociedade, principalmente com o trabalho. Como nos lembra São Josemaria, “trabalho cotidiano, seja humanamente humilde ou brilhante, é de grande valor e pode ser um meio efficacíssimo para amar e servir a Deus e aos outros homens”. E convida a todos “a trabalhar – com plena autonomia, do modo que lhes parecer melhor – para apagar as incompreensões e as intolerâncias entre os homens e para que a sociedade seja mais justa”[15].

Para quem deseja seguir Cristo, qualquer trabalho é uma oportunidade de servir aos outros e especialmente aos mais necessitados. Há profissões em que essa repercussão social ocorre de forma mais imediata ou evidente, como no caso de vocês, que trabalham em organizações voltadas para a melhoria das condições de vida de pessoas ou grupos desfavorecidos. Mas essa dimensão do serviço não é só para alguns, deve estar presente em qualquer trabalho honesto.

Desde que São Josemaria começou a difundir a sua mensagem, costumava dizer que para santificar o mundo não era necessário mudar de lugar, profissão ou ambiente. Trata-se de mudar a si mesmo no lugar em que se encontra.

No ideal cristão de trabalho, caridade e justiça se unem. Longe das lógicas do “sucesso”, o serviço ao próximo é o melhor parâmetro do desempenho profissional de um cristão. Satisfazer às exigências da justiça no trabalho profissional é um objetivo elevado e ambicioso; cumprir as próprias obrigações nem sempre é fácil e a caridade vai sempre mais longe, pedindo a cada um e a cada uma que saia generosamente de si para os outros.

Na parábola do bom samaritano, o estalajadeiro fica em segundo plano: o evangelho apenas menciona que agiu profissionalmente. O seu comportamento nos lembra que o exercício de qualquer tarefa profissional nos dá a oportunidade de servir a quem precisa.

Às vezes, poderia surgir a tentação de “refugiar-se no trabalho”, no sentido de não descobrir sua dimensão social transformadora, conformando-nos com um falso espiritualismo. O trabalho santificado é sempre uma alavanca para transformar o mundo, e o meio habitual pelo qual devem ser produzidas as mudanças que dignificam a vida das pessoas, para que a caridade e a justiça penetrem verdadeiramente em todas as relações. O trabalho assim realizado pode contribuir para purificar as estruturas de pecado[16], convertendo-as em estruturas onde o desenvolvimento humano integral seja uma possibilidade real.

A fé nos ajuda a manter a confiança no futuro. Como São Josemaria assegurava, “nosso labor apostólico contribuirá para a paz, para a colaboração dos homens entre si, para a justiça, para evitar a guerra, evitar o isolamento, evitar o egoísmo nacional e os egoísmos pessoais: porque todos perceberão que formam parte de toda a grande família humana, que está dirigida por vontade de Deus à perfeição. Assim contribuiremos para tirar esta angústia, este temor por um futuro de rancores fraticidas, e para confirmar nas almas e na sociedade a paz e a concórdia: a tolerância, a compreensão, o trato, o amor”[17].

A dimensão pessoal

A mensagem do Opus Dei nos anima a lutar pela transformação do mundo através do trabalho. Isso também inclui “ter compaixão”, como o samaritano[18], como exigência do amor, que leva a lei (“o que é obrigatório”) à sua plenitude[19].

O amor torna nossa liberdade cada vez mais disposta e preparada para fazer o bem.

São Josemaria escrevia em uma carta datada em 1942: “A generalização dos remédios sociais contra os flagelos do sofrimento ou da indigência, que hoje permitem alcançar resultados humanitários com que nem sequer sonhávamos em outros tempos, nunca poderá suplantar a ternura efetiva – humana e sobrenatural – desse contato imediato e pessoal com o próximo: com aquele pobre de um bairro próximo, com aquele outro doente que vive sua dor num enorme hospital (...)”[20].

Apresenta-se assim um vasto panorama na família e na sociedade, e um coração dilatado procurará cuidar com esmero dos seus pais idosos, dar esmolas, interessar-se pelos problemas dos vizinhos, rezar por um amigo angustiado por uma preocupação, visitar um familiar doente no hospital ou em casa, parar para conversar com uma pessoa que vive na rua que costumamos ver, ouvir pacientemente etc., etc.

Normalmente, não se trata de adicionar novas tarefas àquelas que já realizamos; trata-se antes de tentar manifestar a partir da própria identidade o amor de Cristo aos outros. A questão da caridade não é apenas o que devo fazer, mas, primeiro, quem sou eu para o outro e quem é o outro para mim.

Neste cultivo cotidiano da solidariedade, nos encontramos com os outros e, assim, as necessidades dos outros tornam-se também ponto de encontro entre pessoas de boa vontade, cristãs ou não, mas unidas em situações de pobreza e injustiça.

Este diálogo com a necessidade e a vulnerabilidade certamente terá como resultado uma pele sensível e uma vida de oração próxima à realidade. Estaremos preparados para tomar decisões de maior austeridade pessoal, evitando o consumismo, o apelo da novidade, o luxo... e saberemos renunciar a bens desnecessários que talvez pudéssemos nos permitir devido à nossa situação profissional. Seremos assim permeáveis à mudança pessoal, a ter os ouvidos abertos ao Espírito Santo e ouvir o que Ele nos diz por meio da pobreza.

O relacionamento de Cristo com os necessitados é individual, um a um. Certamente, as obras coletivas são necessárias, mas a caridade é pessoal, porque

assim é a nossa relação com Deus. Numa cristã ou em um cristão maduro, o desdobramento das obras de misericórdia[21] vividas pessoalmente flui de maneira orgânica, como uma árvore que, ao crescer, dá mais fruto e sombra. Nesta perspectiva, percebe-se também a complementaridade que existe entre as várias manifestações do apostolado pessoal e a generosidade com os necessitados.

São Josemaria descrevia a transcendência social da caridade pessoal no meio do mundo, referindo-se ao exemplo dos fiéis da Igreja primitiva: “Foi assim que agiram os primeiros cristãos. Eles não tinham, em razão de sua vocação sobrenatural, programas sociais ou humanos a cumprir; mas estavam impregnados por um espírito, por uma concepção da vida e do mundo, que não poderia deixar de ter consequências na sociedade em que se moviam”[22].

A dimensão coletiva

Não quero deixar de agradecer o bem que vocês fazem por meio dos trabalhos inspirados por São Josemaria e aos que trabalham, também inspirados por ele, em diversas organizações que prestam serviço direto aos mais necessitados. Penso naquele jovem sacerdote que cuidava dos pobres e doentes em Madri na década de 1930. A “pedra caída no lago”[23] já chegou longe. Apesar de estarmos cientes de nossas limitações, agradecemos a Deus e lhe pedimos ajuda para melhorar e continuar.

As obras coletivas mantêm viva a sensibilidade social cristã e são uma expressão civil e pública de misericórdia. Como diz o Compêndio da Doutrina Social da Igreja, “sob tantos aspectos, o próximo a ser amado se apresenta ‘em sociedade’ (...): amá-lo no plano social significa, de acordo com as situações, valer-se das mediações sociais para melhorar sua vida ou remover os fatores sociais que causam a sua indignação. Sem dúvida alguma, é um ato de caridade a obra de misericórdia com que se responde aqui e agora a uma necessidade real e urgente do próximo, mas é um ato de caridade igualmente indispensável o empenho para organizar e estruturar a sociedade de modo que o próximo não se venha a encontrar na miséria, sobretudo quando ela se torna a situação em que se debate um incomensurável número de pessoas e mesmo povos inteiros,

situação tal que assume hoje as proporções de uma verdadeira e própria questão social mundial”[24].

São Josemaria recordava que “o Opus Dei [deve estar presente] onde há pobreza, onde há falta de trabalho, onde há tristeza, onde há dor, para que a dor seja suportada com alegria, para que a pobreza desapareça, para que não falte trabalho — porque formamos as pessoas para que possam tê-lo, para que coloquemos Cristo na vida de cada um, na medida em que quiser, porque somos muito amigos da liberdade”[25]. Com as limitações das instituições humanas, as realidades coletivas promovidas pelos fiéis do Opus Dei também procuram encarnar e expressar o espírito de serviço no âmbito social.

Nas atividades que vocês realizam se entrelaçam todas as dimensões que consideramos: fundamento espiritual, trabalho profissional e cuidado dos necessitados considerados como grupo (caridade social) em que também se afirma a dignidade de cada um (caridade pessoal). Assim, a competência profissional necessária numa área que exige cada vez mais especialização se conjuga com o espírito cristão expresso nas obras de misericórdia. Poderíamos dizer que aqueles de vocês que promovem ou colaboram com essas tarefas aspiram a ser samaritanos e estalajadeiros ao mesmo tempo.

Por outro lado, cada tarefa coletiva, e não apenas aquelas diretamente percebidas como “sociais”, pode ter uma dimensão social explícita, uma preocupação com o meio ambiente, alguns objetivos de serviço aos outros, uma forma de se relacionar com os pobres, uma intenção de reconciliar o mundo com Deus... Toda obra coletiva de inspiração cristã (um colégio, uma universidade, uma escola de negócios, um hospital, uma residência etc.), embora sua missão imediata não consista em favorecer grupos necessitados, deve integrar em seu *ethos* essa característica central do cristianismo que é a caridade social.

Nesse sentido, é lógico que cada atividade coletiva habitualmente se pergunte sobre as expressões práticas e tangíveis da sua contribuição social e do seu serviço às pessoas mais necessitadas. Essa contribuição é um efeito conatural dessa atividade, não um simples acréscimo. Convém perguntar-se: “desde que existe esta iniciativa, a que necessidades sociais ela procura dar resposta? Como melhorou o ambiente?” O Senhor nos pede que, a partir da imaginação da caridade, reflitamos sobre este aspecto em cada projeto.

No horizonte do centenário do Opus Dei (2028-2030)

Os próximos anos oferecem uma ocasião especial para revitalizar o serviço aos necessitados de maneira pessoal ou coletiva, tomando uma maior consciência da sua importância na mensagem de São Josemaria. Nisso, as ideias e propostas de vocês, que estão diretamente envolvidos nesta área, são especialmente valiosas.

Junto com os temas que vocês irão propor, sugiro duas possíveis linhas de reflexão.

Trabalhar com outros. São Josemaria sempre encorajou os fiéis da Obra a se abrirem, a trabalhar com muitas outras pessoas, inclusive não católicas e não cristãs, em projetos de serviço. A globalização fez com que a distribuição dos recursos, as migrações, a falta de acesso à educação, a concatenação de crises econômicas, pandemias e outros desafios afetassem cada vez mais pessoas. A dependência mútua da família humana é percebida vivamente e o mundo é considerado um lar compartilhado. Instituições de desenvolvimento de todos os tipos tornam-se cada vez mais indispensáveis e surge a ideia de colaboração e coordenação de conhecimentos e esforços. Numa época em que o sofrimento é de certa forma global, devemos sentir-nos mais do que nunca filhos do mesmo Pai.

Pesquisa e estudo. Seu trabalho coloca vocês em observatórios de onde podem vislumbrar tendências futuras. Esta posição, aliada a extensas experiências de trabalho na área do desenvolvimento em diferentes culturas e países, permite-nos pensar em espaços específicos de pesquisa e estudo. Isso poderia dar origem a propostas de boas práticas, programas de formação de voluntários, trabalhos de consultoria, convocações de conferências e encontros com instituições congêneres em termos de temas ou de afinidades regionais, convênios com centros acadêmicos para aprofundar questões sociais sob diferentes perspectivas, combinando o trabalho de campo com a pesquisa acadêmica. Estas possibilidades recordam a aspiração de São Josemaria, que viu os cristãos “*in ipso ortu rerum novarum*”, na própria origem das mudanças sociais.

Gostaria de concluir com outras palavras fortes e inspiradoras de São Josemaria: “Um homem e uma sociedade que não reajam perante as tribulações

ou as injustiças, e não se esforcem por aliviá-las, não são nem homem nem sociedade à medida do amor do Coração de Cristo. Os cristãos – conservando sempre a mais ampla liberdade à hora de estudar e de aplicar as diversas soluções, e, portanto, com um lógico pluralismo – devem identificar-se no mesmo empenho em servir a humanidade. De outro modo, o seu cristianismo não será a Palavra e a Vida de Jesus: será um disfarce, um engano perante Deus e perante os homens”[26].

Esperemos que a reflexão que vocês começam hoje com vista ao centenário da Obra sirva para aprofundar nesta chamada do nosso fundador e para concretizá-la no plano espiritual e pessoal, no trabalho profissional e em todas as iniciativas sociais e educativas que, de uma forma ou de outra, encontram inspiração na sua mensagem. Neste campo, como em outros, aplicam-se as palavras de São Josemaria: tudo está feito e tudo está por fazer. Com certeza ele nos encorajaria a continuar sonhando.

[1] Javier Echevarría, conferência O coração cristão, motor do desenvolvimento social, outubro 2012, Pontifícia Universidade da Santa Cruz.

[2] *Ibid.*

[3] Bento XVI, *Caritas in veritate*, 29/06/2009, n. 53, destaque no original.

[4] Fernando Ocáriz, *Carta pastoral*, 14/02/2017, n. 31.

[5] *Ibid.*

[6] Francisco, *Audiência geral*, 2/09/2020.

[7] São João Paulo II, encíclica *Evangelium vitae*, 25/03/1995, n. 19.

[8] São Josemaria, *Cartas (Vol. I)*, edição crítica e comentada, elaborada por Luis Cano, Rialp, Madrid 1ª edição, 2020, Carta n. 3, 37d, pág. 188.

[9] *Mt* 25, 40.

[10] São Josemaria Escrivá, *É Cristo que passa*, n. 71

[11] Fernando Ocáriz, *Carta pastoral*, 14/02/2017, n. 31.

[12] São Josemaria, *Sulco*, n. 827.

[13] Cfr. Francisco, *Mensagem para o 5º Dia mundial dos Pobres*, 14/11/2021.

[14] Cfr. Bento XVI, encíclica *Deus caritas est*, 25/12/2005, n. 20.

[15] São Josemaria, *Entrevistas com Mons. Josemaria Escrivá*, n.56

[16] Cfr. São João Paulo II, encíclica *Sollicitudo rei socialis*, 30/12/1987, n. 36.

[17] São Josemaria, *cit.*, *Cartas (Vol. I)*, Carta n. 3, n. 38a e 38b, pp. 188-189.

[18] Cfr. *Lc* 10, 33.

[19] Cfr. *Rom* 13, 8-10.

[20] São Josemaria, Carta 24/10/1942, n. 44: AGP, série A.3, 91-7-2.

[21] Cfr. *Catecismo da Igreja Católica*, n. 2447.

[22] São Josemaria, Carta 9/01/1959, n. 22.

[23] São Josemaria, *Caminho*, n. 831.

[24] *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*, n. 208.

[25] São Josemaria Escrivá, *Una mirada hacia el futuro desde el corazón de Vallecas*, Madrid, 1998, p. 135 (palavras pronunciadas em 1/10/1967).

[26] São Josemaria, *É Cristo que passa*, 167.

20. DISCURSO DE MONS. FERNANDO OCÁRIZ NA ABERTURA DO ANO ACADÊMICO DA UNIVERSIDADE PONTIFÍCIA DA SANTA CRUZ

(3-10-2022)

“Olhar com entusiasmo e confiança para o futuro que nos espera”. Este é o objetivo proposto pelo Grão Chanceler da Pontifícia Universidade da Santa Cruz e Prelado do Opus Dei, ao inaugurar o 39.º curso acadêmico da universidade, depois da celebração Eucarística.

“O entusiasmo é a atitude própria de quem embarca num novo caminho ou numa nova etapa (...). Ao mesmo tempo, quem se lança num novo caminho sabe que haverá dificuldades. Por isso, é necessário alimentar a esperança, que é a espera cheia de confiança na realização dos planos de Deus”, explicou.

E continuava: “o entusiasmo e a esperança são componentes da valentia que cada nova etapa de um percurso requer. Valentia para identificar projetos que possam alargar os horizontes da universidade. (...); valentia para tomar decisões que terão repercussões importantes no futuro e para as quais é necessário pensar no bem-estar daqueles que virão depois de nós”.

“Como deixou escrito São Josemaria em Caminho: 'Dá um motivo sobrenatural à tua atividade profissional de cada dia, e terás santificado o trabalho'. Isto é também um estímulo para ver o alcance do bem que o trabalho, se oferecido a Deus, pode ter, não só para os diretamente envolvidos, mas para toda a humanidade”, concluiu mons. Ocáriz.

ARTIGOS E ENTREVISTAS

**21. Agência Zenit. Na memória da figura do Papa emérito
Bento XVI
(31-12-2022)**

Com o falecimento de Bento XVI perdemos um sacerdote, um teólogo, um bispo, um cardeal e um Papa que se considerava “um humilde trabalhador da vinha do Senhor”. Com a nossa dor, é natural que demos graças a Deus pela sua vida e pelos seus ensinamentos. A última lição do pontífice alemão foi a discrição e a sobriedade com que viveu desde 2013, em atitude de oração.

Desde que o conheci pessoalmente em 1986, quando comecei a colaborar como consultor para a Congregação para a Doutrina da Fé, fiquei impressionado com a sua disposição de ouvir a todos. Tive a oportunidade de estar a sós com ele em muitas ocasiões, tanto para assuntos da Congregação como para outras questões. Nesses encontros ele nunca tinha a iniciativa para terminar a conversa, ou mostrava que precisava dedicar-se a outros assuntos. Era edificante perceber a alta consideração que ele tinha das opiniões dos outros, mesmo que algumas vezes fossem diferentes das suas próprias. As opiniões contrárias poderiam ser calmamente apresentadas a ele, que não se chateava, mesmo que viessem de uma pessoa mais nova, com menor preparação ou experiência. O que realmente lhe importava era a verdade; seu lema episcopal estava gravado com as palavras de São João: *Cooperatores veritatis* (João 3, v. 8).

Seu amor à Igreja e ao Papa era exemplar, indo além do afetivo. Lembro, por exemplo, quando o Mons. Lefebvre aceitou o que lhe propunham e, pouco tempo depois, voltou atrás. Diante disso, o Cardeal Ratzinger exclamou com pena, como vindo do fundo da alma: “Como não percebem que sem o Papa não são nada!”

A sua humildade e seu amor ao Senhor o tornaram capaz de responder com um “sim” ao que o Senhor e a Igreja lhe pediam. Sabe-se que em várias ocasiões apresentou sua renúncia a São João Paulo II, para ser substituído por alguém mais jovem e com mais vitalidade física. Quando o Papa lhe pediu que permanecesse no cargo, o Cardeal Ratzinger não hesitou.

Pouco depois da sua eleição para a Sé de Pedro, contou que quando São João Paulo II faleceu, pensou que poderia se retirar para a sua Alemanha natal para se dedicar à oração e ao estudo. Mas o Senhor tinha outros planos e teve de ouvir as palavras de João 21: “quando eras jovem, tu te cingias e ias para onde querias. Quando fores velho, estenderás as mãos e outro te cingirá e te levará para onde não queres ir”.

Da mesma forma, ele soube se retirar quando, na presença de Deus, viu que não podia mais exercer adequadamente as exigentes responsabilidades que advêm da missão do sucessor de Pedro. Como todo mundo, recebi a notícia de sua renúncia com uma mistura de tristeza e carinho por este grande sucessor de São Pedro. Nos últimos meses, sua força física havia diminuído, mas não sua lucidez mental e serenidade de espírito, sua simplicidade e sua bondade.

Esse saber desaparecer, servindo a Igreja com a sua oração silenciosa, foi a nota característica destes últimos anos depois da sua renúncia. Tive a oportunidade de visitá-lo em algumas ocasiões em sua residência nos jardins do Vaticano: percebíamos que estava interessado nos outros e focalizado na oração. Como ele mesmo disse, se sentia como um peregrino a caminho da casa do Pai, em direção ao abraço de Cristo, objeto de seu amor e de seus longos anos de estudo.

Em seus quase oito anos de pontificado, Bento XVI nos deixou um grande patrimônio espiritual e doutrinal, constituído pelas encíclicas *Deus caritas est*, *Spe salvi*, *Caritas in veritate*, assim como muitas exortações apostólicas e homilias. O magistério produzido através das audiências das quartas-feiras, como o ciclo sobre a Igreja, os Apóstolos e os Padres da Igreja, ou o ciclo de audiências sobre a oração, que constitui um tratado de grande beleza e profundidade sobre o diálogo com Deus, é enormemente rico.

Toda sua vida poderia ser resumida em uma frase preciosa que ele proferiu na missa no início de seu ministério petrino: “Nada há de mais maravilhoso que ter sido alcançados, surpreendidos, pelo Evangelho, por Cristo”. Para ele, a felicidade “tem um nome, tem um rosto: o de Jesus de Nazaré, escondido na Eucaristia”.

Bento XVI conduziu o barco da Igreja no mar da história com seus olhos fixos em Jesus Cristo, em “dias de sol e brisa suave, dias em que a pesca foi abundante; mas houve também momentos em que as águas estavam agitadas e o vento contrário e o Senhor parecia dormir”. Mas ele sabia que o barco pertencia a Cristo.

Bento XVI foi uma dessas “luzes vizinhas, pessoas que dão luz recebida da luz d'Ele e oferecem, assim, orientação para a nossa travessia”, como ele tão belamente expressou na encíclica *Spe Salvi*.

Seu trabalho na vinha da Igreja lhe terá valido as palavras amorosas de Cristo: “Muito bem, servo bom e fiel! Vem participar da alegria do teu Senhor!”

22. Jornal A Razão. Por ocasião do falecimento do Papa emérito Bento XVI

(5-1-2023)

O senhor pensa que a História acabará por fazer justiça a Bento XVI esquecendo os lugares-comuns que o perseguiram até agora?

As manifestações de afeto que houve em 2013, no final de seu pontificado, e agora, depois de seu falecimento, são expressão da marca profunda que ele deixa em milhões de pessoas. Além disso, Bento XVI deixou uma enorme pregação, que constitui um grande patrimônio espiritual e um ensinamento pastoral de grande beleza e profundidade, que ajudou e ajudará a orar, a pensar a fé, a viver a caridade e a gerir melhor as relações humanas, pessoais e sociais. Penso que o conjunto de seus escritos e seu magistério serão no futuro fonte de inspiração para muitos crentes e inclusive não crentes.

Para o senhor, Bento XVI não foi apenas um Papa, mas também alguém com quem manteve um relacionamento frequente. O que recorda dessa etapa de trabalho em comum?

Desde que comecei a trabalhar como consultor da Congregação para a Doutrina da Fé, em 1986, chamou-me a atenção sua amabilidade e sua capacidade para escutar a todos. Embora ele não presidisse a reunião dos consultores, tive a oportunidade de estar a sós com ele muitas vezes; nunca fazia notar que tinha outros assuntos a tratar. Levava em consideração a opinião dos outros, especialmente quando eram diferentes das suas. Era muito fácil expor para ele pareceres contrários com o que não se incomodava, apesar de procederem de um interlocutor mais jovem, menos preparado ou menos experiente. O que ele realmente procurava e lhe interessava era a verdade, não seu critério pessoal.

Qual considera ser a melhor lição magistral aplicada ao carisma do Opus Dei que o Papa emérito deixa?

Vem-me muitas vezes à cabeça aquela sua afirmação na Missa de início de seu pontificado: “Não há nada mais belo do que deixar-se alcançar pelo Evangelho, por Cristo”. É como que um resumo do que deveria ser a vida de um cristão, de um católico e, portanto, de qualquer pessoa do Opus Dei. Como Bento XVI gostava de recordar, a felicidade tem um nome e um rosto: o de Jesus de Nazaré, oculto na Eucaristia. Para todos os católicos do mundo, penso que outra lição importante é a de seu amor à Igreja e ao Papa, que se tornou evidente nestes

últimos anos com relação a seu sucessor, o Papa Francisco. Já contei que, quando Monsenhor Marcel Lefebvre aceitou algo que lhe foi proposto e pouco depois voltou atrás, pude ver a expressão de dor que saiu da alma do cardeal Ratzinger: “Como não percebem que sem o Papa não são nada!”.

Os grandes nomes estão destacando o legado teológico de Joseph Ratzinger. E como pastor? O que destacaria nele?

Eu ressaltaria sua humildade e seu amor ao Senhor, que o tornaram capaz de responder com um “sim” ao que Deus e a Igreja lhe pediam em cada momento, com simplicidade, mas ao mesmo tempo com determinação e fidelidade; por exemplo, quando se manteve à frente da Congregação para a Doutrina da Fé, a pedido de São João Paulo II ou quando, depois do falecimento do Pontífice, pensou que poderia retirar-se à sua Alemanha natal para dedicar-se à oração e ao estudo. O Senhor tinha, porém, outros planos...

Frequentemente a figura de Bento XVI é contraposta à figura de Francisco, falando-se inclusive de ruptura. O senhor compartilha esta visão?

Cada Papa, cada pontificado, traz seu próprio estilo. Esta diversidade constitui uma riqueza em sentido amplo mediante uma plena e evidente continuidade em tudo o que é essencial na Igreja católica em essência. Bento XVI soube pôr-se de lado quando viu em consciência que devia fazê-lo, servindo a Igreja e ao Papa com sua oração silenciosa. E há poucos dias, o próprio Papa Francisco recordava, numa entrevista, que o visitava com frequência e que saía edificado com seu olhar transparente, sua contemplação e bom humor, e que admirava sua inteligência e sua elevada vida espiritual.

23. Revista Mundo Cristiano.

“Um motivo de ação de graças”

(4-2023)

Constitui motivo de ação de graças poder celebrar o sexagésimo aniversário do nascimento de *Mundo Cristiano*. A revista esteve

ininterruptamente presente nestes seis decênios nos lares de numerosas famílias. Informou sobre muitos acontecimentos da atualidade, assim como das novidades na literatura, no cinema, nos espetáculos, no teatro, na música... E não apenas informou, mas soube orientar e oferecer propostas culturais nesses âmbitos a partir de uma perspectiva coerente com a fé católica. Em definitivo informou, formou e entreteve nesses anos, de forma jornalística e com sentido cristão.

É bem sabido que quem inspirou *Mundo Cristiano* como publicação com princípios evangelizadores e apostólicos foi São Josemaria Escrivá, fundador do Opus Dei. O iniciador da revista, Javier Ayesta e o primeiro diretor, dom Jesus Urteaga, aceitaram – nos começos dos anos sessenta – sua sugestão de iniciar uma publicação de informação geral com inspiração cristã. É bonito observar como *Mundo Cristiano* continua com o mesmo projeto do seu início. E mais notável, porém, é considerar o bem que tal trabalho realizou durante esses anos.

Penso em tantas famílias, colégios e associações de vários tipos, onde pessoas mais velhas e jovens cresceram e amadureceram com um exemplar da revista na escrivaninha ou na estante e que os ajudou a ter, sobre temas importantes da atualidade, um ponto de vista centrado na verdade e na defesa da liberdade.

Constatando o bem que a revista está realizando, é justo destacar em primeiro lugar o esforço da editora Palabra, que desde que comprou os direitos da extinta editora SARPE - no fim da década de setenta – impulsionou a edição da revista.

Em segundo lugar, o trabalho profissional dos jornalistas e outros profissionais, que empenharam energias e paixão para fazer uma revista que estivesse à altura da finalidade de serviço proposta. Em terceiro lugar, por muitos motivos, a fidelidade dos assinantes, que permitiram que esta iniciativa se tornasse realidade.

Devemos agradecer a todos eles e em primeiro lugar a Deus que – em sua Providência – permitiu desenvolver este importante serviço durante tantas décadas. Peço agora a Ele que *Mundo Cristiano* continue navegando neste apaixonante mar dos meios de comunicação, com desejos de continuar

orientando, formando e entretendo milhares de famílias; uma nobre tarefa sempre necessária.